



## NOTICIAS INTERNACIONALES AL 29/05/20

<b>GLOBAL</b> .....	<b>2</b>
RABOBANK analiza el impacto del COVID en países exportadores de carnes bovinas .....	2
Producción global de carnes en retroceso.....	3
COVID-19 - Valor mundial de las ventas de carne retroceso del 5,3% en 2020.....	4
<b>CHINA</b> .....	<b>4</b>
Suspende de importaciones de carnes bovinas desde IRLANDA por caso de BSE .....	4
Importó más cerdo para su abasto para evitar la suba de precio .....	4
<b>BRASIL</b> .....	<b>5</b>
Precios del novillo registran subas graduales por falta de oferta .....	5
Firmes las exportaciones pero reina incertidumbre en el mercado local .....	5
China importadores solicitan renegociar contratos.....	6
Protocolo COVID 19 para plantas frigoríficas .....	6
Rabobank estima baja en la producción brasileña de carnes bovina .....	6
COVID 19 puede paralizar actividad en plantas brasileñas.....	7
<i>Scot Consultoria: cierres no afectarían por atomización de industria frigorífica .....</i>	7
<i>Surgen casos en plantas frigoríficas y se resiente actividad .....</i>	7
<i>Medida Judicial impone medidas de prevención para reabrir planta en Santa Catarina .....</i>	8
<i>JBS Brasil pide autorización para sacrificar 600 mil pollos en su planta de SANTA CATARINA .....</i>	8
TAILANDIA aprobó el ingreso de carnes enfriadas procedentes de Brasil .....	9
Producción pecuaria evitó la deforestación de 270 millones de ha.....	9
<b>URUGUAY</b> .....	<b>11</b>
Mercado estable y expectante: llegada de cuadrillas kosher aumentaría valores del novillo .....	11
Rafael Tardáguila: Oferta se adecua a menor demanda.....	11
La apertura de Europa se nota en las exportaciones .....	12
CHINA vuelve a proponer renegociaciones de precios.....	12
Se espera la llegada de equipos Kosher .....	12
INAC apuesta a la apertura de mercados en el Sudeste Asiático .....	13
China compró más carne en abril, pero cayó la participación de Uruguay como proveedor.....	13
Lanzan promoción para celebrar “el día Nacional de la Carne” .....	14
Ganar mercados “saltando barreras” es el gran desafío.....	14
<b>PARAGUAY ARRIBARON RABINOS QUE DARÁN INICIO A LA FAENA KOSHER PARA ISRAEL .....</b>	<b>16</b>
<b>UNIÓN EUROPEA</b> .....	<b>16</b>
La Comisión Europea plantea reducir en un 50% el uso de antibióticos en la ganadería.....	16
IRLANDA Detectado un caso de EEB atípica .....	16
ALEMANIA decide acabar con la subcontratación laboral en la industria cárnica a partir de 2021 .....	16
BREXIT: .....	17
Gran Bretaña: “No creo que ningún país tercero sea afectado por la salida de la UE” .....	17
REINO UNIDO: Rechazan proyecto de Ley Agropecuaria .....	17
<b>ESTADOS UNIDOS</b> .....	<b>18</b>
COVID-19 Impacto en cadena de ganados y carnes .....	18
<i>Turbulencias en feed lots.....</i>	18
<i>Establecimientos de menor tamaño aumentan su actividad ante los cierres por casos de COVID .....</i>	18
<i>Número de animales retenidos en feedlots sería inferior al previsto .....</i>	19
<i>Sindicato estimó en 3000 los casos registrados en plantas frigoríficas.....</i>	20
<i>Departamento de Justicia y USDA monitorean el Mercado de carnes por escasez y alza de precios .....</i>	20
USDA estimó que las importaciones representarán el 11 por ciento del consumo total .....	21
Existencias de Ganado en feed lots se redujeron un 5 por ciento .....	21
Estiman que las ventas de carne picada ascenderán \$1000 millones.....	21
<b>NUEVA ZELANDA CON RÉCORD DE EXPORTACIÓN EN MARZO PESE AL CORONAVIRUS.....</b>	<b>22</b>
<b>EMPRESARIAS</b> .....	<b>22</b>
Seara acusada de no haber tomado precauciones por COVID 19.....	22



JBS Brasil – ordenan el cierre de su planta en el estado de Rondonia.....	23
URUGUAY Bamidal tomó posesión de planta de ovinos Frigorífico Caltés.....	23

## GLOBAL

### RABOBANK analiza el impacto del COVID en países exportadores de carnes bovinas

27/05/2020

Banco holandês alerta para a possibilidade de paralisações na indústria brasileira de carne, provocadas pelo avanço da Covid-19

Relatório do banco holandês divulgado nesta quarta-feira, 27 de maio, aponta os problemas vivenciados hoje por alguns concorrentes do Brasil no mercado mundial de fornecimento de carne bovina, ocasionados principalmente pelo avanço da Covid-19. No mesmo relatório, o banco alerta para a possibilidade de uma onda mais forte de paralisações de fábricas brasileiras de carne bovina, por causa de eventual proliferação da doença entre os funcionários que trabalham no chão das fábricas – assim como ocorreu recentemente nos abatedouros dos Estados Unidos, inclusive em plantas norte-americanas controladas pela brasileira JBS.

Segue abaixo relatos sobre o setor de carne bovina em três países exportadores concorrentes do Brasil, de acordo com o Rabobank:

#### Índia

As interrupções na cadeia de suprimentos (questões logísticas e trabalhistas) durante o bloqueio nas cidades imposto pela pandemia da Covid-19 estão impactando as operações dos frigoríficos de carne bovina na Índia, relata o banco.

O fornecimento de carne de búfalos (o tipo de produto exportado pelo país, já que a vaca é animal sagrado por lá) aos matadouros foi significativamente impactado, pois os mercados de animais não estão operando ou estão operando de maneira limitada.

Além disso, diz o Rabobank, existem atrasos nos portos indianos para a movimentação do produto, pois as operações nos portos estão sob pressão. “Nós esperamos que as exportações de carne indiana no período de março a maio sejam significativamente menores”, prevê.

#### Austrália

Em 12 de maio, a China suspendeu as licenças de exportação de quatro grandes fábricas de carne bovina na Austrália, relembra o banco. Essas quatro plantas representam uma grande proporção do abate de bovinos de corte da Austrália e acredita-se que contribua com um volume substancial das exportações direcionadas à China, o maior importador mundial da commodity. Algo similar ocorreu em 2017 na Austrália e, naquela ocasião, levou três meses para que o assunto fosse resolvido, observa o Rabobank.

O fechamento das unidades exportadoras australianas ocorreu após a troca de acusações entre os governos australianos e chinês acerca da crise da Covid-19, em que a Austrália solicitou investigações profundas sobre a origem do surto em Wuhan e da atuação do governo central da China.

A China é o maior mercado de exportação de carne bovina da Austrália, representando cerca de 300.000 toneladas em 2019, ou 29% do total embarcado pelo país no ano passado. Em março passado, os embarques australianos de carne bovina para a China subiram 41% na comparação mensal, tornando o país o quarto principal fornecedor chinês, com 11% de participação.

#### Estados Unidos

Nos últimos meses, os surtos de Covid-19 obrigaram o fechamento temporário de várias grandes plantas de carne bovina dos EUA. Ao mesmo tempo, as unidades que continuaram operando foram obrigadas a reduzir drasticamente a capacidade de produção, devido ao grande número de funcionários contaminados pela doença. Após a desaceleração ou fechamento das unidades de carne bovina no final de abril, o abate de bovinos nos EUA caiu quase 50% em relação aos níveis de igual período de 2019, relata o banco holandês. “Tais choques maciços e simultâneos na cadeia norte-americana de suprimentos nunca foram vistos antes”, destaca. O desequilíbrio

criado entre o número de bovinos prontos para abate em relação à capacidade de operações das plantas frigoríficas exerceu imensa pressão negativa sobre os preços do gado vivo norte-americano, afetando drasticamente o bolso dos pecuaristas norte-americanos.

Com o recente decreto executivo do presidente dos EUA, Donald Trump, para que nenhuma indústria norte-americana de carne não fosse fechada durante a crise da Covid-19, há esperança de que o pior já passou, pondera o banco. A semana que terminou em 9 de maio registrou o primeiro aumento nos abates desde o início do colapso nas fábricas ocasionado pelo coronavírus.

No entanto, observa o banco, houve um acúmulo de gado pronto para abate nas seis semanas anteriores (estimado em 900.000 cabeças). “Mesmo que as fábricas retornem em junho à capacidade de



processamento relativamente normal, provavelmente chegará em 2021 sem que consiga recuperar completamente esse atraso nos abates”, prevê o Rabobank.

### **Producción global de carnes en retroceso**

Beef Central, May 29, 2020

As parts of the world cautiously ease out of lockdown and reassess COVID-19's impact on the beef sector, Rabobank's latest Beef Quarterly has revised down its global beef production outlook, and forecasts slowing beef demand in a declining economy.

However, the Q2 report said the Australian cattle market was more favourably placed, with limited supply and improved seasonal conditions continuing to dominate the local sector and maintain strong cattle prices.

#### **Beef processing disruptions**

Beef supply chains and distribution channels emerged as the major casualties of COVID-19 during March and April, particularly in the US, where cattle slaughter dived almost 50 percent below 2019 levels, following beef processing plant closures and slowdowns.

“This limited capacity placed enormous pressure on beef supplies and fed cattle numbers, with prices adjusting accordingly,” Rabo analyst Angus Gidley-Baird said.

“Beef prices jumped to record levels – the comprehensive cut-out reached US\$470/cwt in early May – and fed cattle prices dropped,” he said.

Although US production was now improving, with plant capacity, as of mid-May, down only about 10pc, Mr Gidley-Baird said the backlog of cattle was not expected to be cleared until late 2020 or early 2021.

Globally, the spread of COVID-19 continued at pace in a number of countries. Brazil's processing sector is currently on high alert.

Australia had been fortunate to avoid any major disruptions to beef processing capacity, with its production constrained only by the limited national supply.

#### **Production outlook**

The report's revised-down forecast for 2020 global beef production dropped about 1pct on 2019 levels, with a number of factors beyond COVID-19's disruption affecting the outlook, Mr Gidley-Baird said.

High levels of female slaughter in Brazil and Australia in recent years had reduced breeding herds, Australia's current rebuilding efforts reducing the number of cattle sent to slaughter.

Australia's eastern states cattle slaughter for the year to date was down 8pc, while female slaughter was down 13pc – demonstrating producer demand to rebuild herds.

This reduced slaughter had reduced exports by 1pc, year to date, with disruptions also shifting export markets, reducing numbers into China during February and March, before a recovery in April, and decreasing exports into the US throughout March and April.

In Brazil, Mr Gidley-Baird said, cattle slaughter was believed to have fallen by 9pc in Q1. However, a reduction in imports from China – down 29pc month on month in February – and a decline in domestic consumption had weakened demand, so supply and demand was balanced, maintaining cattle price stability.

“Brazil is currently experiencing drier conditions, so we expect the supply of animals for slaughter to increase, and with domestic consumption continuing to decline, we forecast Brazilian exports to increase, particularly considering the strong devaluation of its currency, down 40pc since the start of the year,” he said.

Processing slowdowns in the US, plus Argentine tax regime changes and a softening of demand in its export markets, also contributed to the lower production estimate, Rabo said.

#### **Slowing economic outlook**

With Rabobank forecasting a severe downturn in the global economy – with world economic growth contracting 2.6pc in 2020 – Mr Gidley-Baird said there would be repercussions for beef demand.

“As a perishable product, there is a consistent relationship between production and consumption – whatever beef is produced will be consumed relatively quickly,” he said.

“The question then becomes, at what price will we consume the given quantity?”

He said past economic downturns suggest beef demand declined – with consumption during the global financial crisis and past European downturns stimulated through discounting.

“With economic stress there is also the risk that consumers shift to cheaper animal protein, such as pork and poultry, or to less expensive beef cuts,” Mr Gidley-Baird said.

This trend was expected to continue throughout a deep recession, with a change in consumption patterns likely to evolve over the balance of 2020.



## **COVID-19 - Valor mundial de las ventas de carne retroceso del 5,3% en 2020**

28/05/2020 Según las últimas estimaciones realizadas por GlobalData en torno al valor mundial de la venta de carne, estas retrocederán en 2020 en un 5,9% hasta cerca de 1,3 billones de dólares (1,3 trillions)

De acuerdo con la consultora GlobalData, las noticias que se están registrando a nivel mundial en torno a los cierres de plantas por los brotes de la Covid-19 entre los trabajadores está perjudicando la confianza de los consumidores respecto a estos productos.

Ante esto, sus estimaciones apuntan a que el mercado mundial de la carne tendrá un valor de 1,3 billones de dólares para 2020, lo que supondría una disminución del 5,3% sobre 2019. Contrasta con el crecimiento esperado antes de la pandemia por la COVID-19 que apuntaba a que se creciera un 2,6% hasta llegar a los 1,4 billones de dólares.

Carmen Bryan, analista de consumo de GlobalData, comenta: "la recesión global es evidente por la incertidumbre actual y las interrupciones de suministro que enfrentan muchos mercados. Aunque la producción se estabilizará a largo plazo, es improbable una recuperación total a un valor anterior a la COVID-19".

Bryan continúa: "La demanda de prácticas transparentes y limpias por parte de los consumidores ha ganado mucha tracción en los últimos años y está generando cambios significativos en casi todos los mercados. Es probable que una crisis como esta obligue a cambios en la industria cárnica ante la demanda de los consumidores en materia de seguridad alimentaria y salud".

Además, desde el brote del virus, el 44% de los encuestados globales admitieron que no confían en los productos fabricados o importados de China en este momento. Los productos cárnicos en los EE. UU. Podrían seguir una tendencia similar si la crisis actual y la tasa de infección no se aplacan, según Byran.

Para la analista, "la rápida tasa de infección que han exhibido las instalaciones de procesamiento de carne, combinada con la aparente impotencia de los jugadores para detenerla, jugará con las preocupaciones actuales sobre las enfermedades relacionadas con la carne. Como resultado, algunos consumidores pueden optar por evitar comprar productos cárnicos, al menos mientras están confinados. La amenaza es que, si estos desafíos persisten, puede dar lugar a nuevos comportamientos de compra, con consumidores que recurren cada vez más a las alternativas a la carne y se adhieren a ellas a largo plazo".

## **CHINA**

### **Suspende de importaciones de carnes bovinas desde IRLANDA por caso de BSE**

28 May 2020

China has suspended beef imports from Ireland after a case of Atypical BSE was identified.

Tim Cullinan, President of the Irish Farmers Association says that the suspension of access to the Chinese market was disappointing. He added that the issue must be resolved quickly.

"This is a technical issue resulting from the discovery of a case of Atypical BSE in a 14-year old cow in this country. Under the protocol, Ireland is required to submit a detailed epidemiological report," he said.

"Given the nature of this case, once the report is reviewed by the Chinese authorities, there should be no delay in regaining access."

An atypical case does not affect Ireland's current OIE controlled risk status or our progress towards negligible risk status.

"The Chinese market took 10,000 tonnes of Irish beef last year and 2,900 tonnes had gone there in the first quarter of 2020. This is a relatively small amount and accounts for less than 2 percent of our beef exports. However, it's an important and growing market. We need to get back there as a matter of urgency," he said.

### **Importó más cerdo para su abasto para evitar la suba de precio**

28/05/2020 - Fueron 400 mil toneladas.

Eurocarne | China batió un nuevo récord el mes pasado en la importación de carne de cerdo tras la crisis en la producción que generó la peste porcina africana.

Según los datos del Departamento de Aduanas, compró 400.000 toneladas, volumen que supera en 170% a las compras realizadas en 2019.

En el primer cuatrimestre de 2020, China ya lleva importadas 1,35 millones de toneladas de carne de cerdo, lo que supone un 170,4% más que en 2019. El gigante asiático estuvo comprando en mercados extranjeros, incluido Estados Unidos, donde los precios de la carne de cerdo se encuentran entre los más baratos del mundo e inicialmente cayeron a medida que las infecciones con Covid-19 comenzaron a extenderse en el país, afectando la demanda.

Por otro lado, el gobierno chino sacó a la venta 30.000 toneladas de carne de cerdo congeladas que tenía almacenadas en sus reservas estratégicas, de acuerdo con la información del Centro de Gestión de la



Reserva de Mercancías de China. Cuando comenzó a avanzar la peste porcina africana, el gobierno sacrificó varios cerdos sanos que fueron congelados para evitar que subieran los precios, porque esa carne es básica en la dieta asiática.

Con esta cifra, China lleva comercializadas 330.000 toneladas de sus reservas en lo que va de año. Busca aumentar la oferta en el mercado.

## **BRASIL**

### **Precios del novillo registran subas graduales por falta de oferta**

DENIS CARDOSO 28/05/2020

O motivo? Falta gado pronto neste período final de safra embalada pelo bom desempenho das exportações

Seguindo a mesma toada desde o início da semana, os preços do boi gordo registram, novamente, valorizações em algumas praças importantes na pecuária de corte, como em São Paulo. Nos balcões de negócios paulista, o animal terminado vale agora R\$ 204/@, a prazo, um avanço de R\$ 4/@ sobre o valor registrado na sexta-feira da semana passada, 22 de maio, de acordo com dados da Informe Economics FNP.

O principal motivo para o movimento altistas da arroba é a enorme escassez de boiada pronta neste período final de safra, marcado sobretudo pelo processo natural de deterioração das pastagens ocasionado pela chegada do frio e a falta de chuvas em grande parte das regiões pecuárias do País.

Há algumas exceções, como nas áreas pecuárias do Norte, que continuam recebem bons volumes de chuvas, mantendo os pastos ainda verdes – o que motiva a estratégia de retenção da boiada na fazenda, com o intuito de pressionar a indústria compradora a pagar preços ainda mais altos pela arroba. No Centro-Oeste também voltou a chover em algumas regiões, como em áreas do Mato Grosso, onde também foi possível segurar a boiada no campo – e, com isso, “apertar” os frigoríficos compradores.

“A boiada gorda terminada parece se esgotar, ao passo que os animais provindos do confinamento ainda não estão prontos para o abate”, destaca a FNP.

Um outro importante fator de sustentação para os preços do boi gordo é o ritmo consistente de embarques de carne bovina, principalmente para a China, o principal cliente dos frigoríficos brasileiros. “Há, nas regiões com maior representatividade das exportações, uma grande procura por animais que atendam aos requisitos internacionais e pagam-se spreads altos pela arroba destes”, observa a consultoria FNP, referindo-se sobretudo ao ágio de até R\$ 15/@ oferecidos aos animais com padrão China – basicamente com idade de abate de até 30 meses.

No mercado doméstico, porém, o consumo e procura por cortes bovinos segue restrito, embora sem espaço para ajustes negativos na carne bovina. “Enquanto o preço de carnes concorrentes, principalmente a suína, tem apresentado quedas, o menor abate de boiada nos frigoríficos tem sustentado as cotações na ponta consumidora”, avalia a consultoria. No entanto, prevê a FNP, a atual sinalização de retomada das atividades em alguns centros urbanos e a entrada de salários no início de junho devem promover um certo aumento no consumo da proteína animal.

Giro pelas demais praças

No Tocantins, a umidade consistente na região mantém os pastos em boa qualidade e os pecuaristas conseguem especular valores mais altos na arroba, retendo o gado terminado nas propriedades, de acordo com a FNP.

No Mato Grosso, poucos negócios foram efetivados nesta quinta-feira. Não há grande disponibilidade de boiada gorda no mercado de MT e, ao mesmo tempo, a maior parte das indústrias do Estado ainda limita suas compras, com receio de que a inconsistência no escoamento de carne provoque excedente de oferta nas câmaras frigoríficas. “As poucas compras de boiadas realizadas neste quinta-feira foram feitas a valores maiores”, relata a FNP.

No Mato Grosso do Sul, com o registro de chuvas nas últimas semanas, os pecuaristas conseguiram represar os animais e negociar lotes a preços mais altos.

Em Minas Gerais, a baixa quantidade de lotes oferecidos no mercado deu suporte para altas nos preços do gado terminado, revela a FNP. Na Bahia, a arroba se valorizou nesta quinta-feira devido à uma atuação relativamente maior dos frigoríficos que buscavam preencher as escalas de abate.

### **Firmes las exportaciones pero reina incertidumbre en el mercado local**

Fonte: Canal Rural. This post was published on 29 de maio de 2020 Com a baixa de oferta de animais, algumas indústrias estão oferecendo mais pela arroba do boi para manterem o fluxo de escala de abate. Com o esgotamento da boiada nos pastos e com os bovinos confinados ainda não terminados, existe uma limitação de gado no Brasil.



De acordo com o consultor de mercado da FCStone Caio Toledo, diferente do ano passado, os mercados interno e externo estão em direções opostas, sendo que no Brasil o cenário é negativo. “É muito difícil fazer uma previsão do mercado interno em função da pandemia do novo coronavírus. O estado de São Paulo está partindo para uma segunda fase, mas não sabemos até que ponto será viável ou não”, diz. Além disso, segundo o consultor, nota-se que a população está migrando para proteína de menor valor agregado, como o ovo, por conta da crise econômica.

Do lado das exportações, a situação é inversa. Os animais padrão China, mais jovens, estão sendo negociados por valores até R\$ 15 maiores por arroba. Segundo Toledo, a China se mantém como o principal destino e a Europa volta aos poucos a comprar o produto brasileiro.

### **China importadores solicitam renegociar contratos**

Fonte: Canal Rural. This post was published on 29 de maio de 2020

A retração da procura pelas principais proteínas animais no mercado atacadista de São Paulo foi evidente na última semana deste mês, período sazonal de menor vendas. Segundo a consultoria Agrifatto, até aquelas que costumemente demonstram maior fluxo de saída – como é o caso da carne de suínos e aves -, desaceleraram nos últimos dias. Apesar disso, a carcaça casada bovina se manteve nos patamares de R\$ 12,80 por quilo.

A empresa afirma ainda que para o mercado de boi gordo, as exportadoras que enviam carne bovina à China começam a relatar pedidos de renegociação de mercadorias. O que pode refletir em um menor volume enviado ao exterior entre maio e junho. “Outro ponto que deve começar destaque também, cenário que pode coincidir com a chegada dos bois que ainda estão retidos nos pastos, podendo atingir as indicações da arroba”, diz a consultoria.

### **Protocolo COVID 19 para plantas frigoríficas**

Fonte: Valor Econômico. This post was published on 27 de maio de 2020

A ministra da Agricultura, Tereza Cristina, informou que sua Pasta deverá publicar até amanhã uma portaria para oficializar um protocolo sanitário para o funcionamento dos frigoríficos do país durante a pandemia. A informação foi dada hoje durante uma reunião virtual com a Comissão Externa de Ações contra o Coronavírus da Câmara dos Deputados. O objetivo é harmonizar as ações das empresas para evitar o fechamento de plantas por determinação da Justiça, como houve recentemente no Rio Grande do Sul.

“Vamos editar uma portaria e duas instruções normativas para que possamos harmonizar as ações. As dificuldades que tivemos no primeiro momento foram de falta de coordenação entre Estados, municípios e governo federal. Hoje conseguimos harmonizar e para isso sairá a portaria, que vai contemplar a maioria das ações que precisam ser feitas nos frigoríficos para que a gente não tenha — e possa antecipar — o que aconteceu no Rio Grande do Sul. Daqui para frente, nossa sintonia será total para dar segurança”, disse a ministra.

No mês passado, o Ministério da Agricultura já havia publicado uma orientação conjunta com os ministérios da Saúde e da Economia. Logo no início da pandemia, as associações de indústrias de proteínas elaboraram protocolos e implementaram medidas de higiene e distanciamento nas unidades, referendados pela Pasta de Tereza Cristina. “Antes, era uma orientação. Agora vai ser uniformizado, com ações atualizadas”, disse Antônio Camardelli, presidente da Abiec.

Atualmente, dois frigoríficos estão fechados no Brasil. Uma planta em Santa Catarina e uma em Pernambuco. “A de Santa Catarina deve reabrir em breve e de Pernambuco em mais uma semana, se tiver com tudo que é preciso deve voltar à normalidade”, informou Tereza Cristina.

A ministra contou também que a Pasta implantou uma ferramenta com mapeamento de todos os frigoríficos do Serviço de Inspeção Federal (SIF) para saber quantos funcionários cada planta tem e se existem pessoas contaminadas. O ministério também monitora os casos de coronavírus nas cidades onde as unidades estão instaladas e solta alertas para as empresas quando há crescimento no número de infectados nos municípios.

### **Rabobank estima baja en la producción brasileña de carnes bovina**

Fonte: Agrolink. This post was published on 29 de maio de 2020

O mais novo relatório do Rabobank indicou que a produção de carne bovina brasileira deve cair no ano de 2020. De acordo com o portal especializado da CarneTec Brasil, a queda deve ser de cerca de 1% em relação ao ano passado, sendo que a entidade esperava crescimento de 3,5% em seu relatório de dezembro.

“O abate de bovinos no Brasil já teve queda de 9,2% no primeiro trimestre, conforme dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE). Além disso, um dos maiores compradores de



carne bovina brasileira, a China, reduziu as compras do produto nos primeiros meses do ano diante dos impactos do coronavírus”, diz o portal.

Além disso, o Rabobank também espera fraca demanda doméstica para carne bovina e riscos relacionados aos possíveis impactos da covid-19 na produção dos frigoríficos do país nos próximos meses. “Até o momento, o Rabobank disse que a oferta reduzida de carne bovina e a contração da demanda se equilibraram, ajudando a manter preços para o gado vivo e para a carne no atacado estabilizados”, completa.

“Mas com a redução das chuvas e condições mais secas nas últimas semanas, espera-se que o aumento na oferta de animais para abate pressione preços do boi e da carne bovina para baixo no mercado doméstico, principalmente enquanto as restrições de quarentena são mantidas ou ampliadas. Com o crescimento da oferta e redução no consumo doméstico, esperamos que as exportações aumentem”, escreveram analistas do banco”, escreveram os analistas do banco.

### **COVID 19 puede paralizar actividad en plantas brasileñas**

DENIS CARDOSO 27/05/2020

Aumenta a chance de contaminações por Covid-19 entre funcionários que atuam no chão das fábricas, diz banco

A disseminação da Covid-19 continua em um ritmo crescente no Brasil, e os riscos de possíveis impactos na indústria brasileira de processamento de carne bovina colocou o mercado em alerta, destaca relatório divulgado nesta terça-feira, 27 de maio, pelo banco de origem holandesa Rabobank.

Em 18 de maio, relembra a instituição, três fábricas de frango localizadas no Rio Grande do Sul tiveram que cessar as operações devido à falta de mão-de-obra ocasionada pela pandemia do novo coronavírus – “e existem possibilidades de outros setores também se tornarem afetados, levando a limitações no suprimento de carne”, observa o banco.

Do lado da oferta, a produção de carne bovina tem sido menor desde o começo do ano – os abates de bovinos caíram 9% no primeiro trimestre, frente igual período do ano anterior, ressalta o Rabobank. Essa menor disponibilidade de animais prontos, diz o banco, reflete o período de maior participação de fêmeas nos abates gerais nos últimos dois anos. O abate de novilhas, aponta o banco, cresceu 18% e 11% em 2018 e 2019, respectivamente, o que reduziu a capacidade de criação de bezerros nas fazendas.

### **Scot Consultoria: cierres no afectarían por atomización de industria frigorífica**

ESTADÃO CONTEÚDO 28/05/2020

Segundo a Scot Consultoria, a cadeia pecuária no Brasil “é muito pulverizada” e “convive há tempos” com eventuais aberturas e fechamentos de plantas

O eventual fechamento temporário de frigoríficos de bovinos no Brasil por causa de casos de contaminação de coronavírus dos funcionários não teria efeito prejudicial à cadeia produtiva como um todo, avaliou o sócio-diretor da Scot Consultoria, Alcides Torres.

Durante a “live” “Mercado sem rodeios: boi, leite e insumos em tempos de Covid-19”, promovida pela própria Scot na noite desta quarta-feira, Torres disse que a cadeia pecuária no Brasil “é muito pulverizada” e “convive há tempos” com eventuais aberturas e fechamentos de plantas, sem que isso afete sobremaneira todo o processo produtivo e desequilibre o fornecimento nacional de carne.

“Logicamente há efeitos regionais, onde a situação pode ser dramática, mas nacionalmente afeta pouco”, disse ele, acrescentando, ainda, que há regiões nas quais se um frigorífico fechar, outro acaba atendendo à demanda.

O consultor disse que situação diferente ocorre nos Estados Unidos, onde as plantas têm grande capacidade diária de abates, “cerca de seis vezes as maiores plantas frigoríficas do Brasil”, disse. E, por isso, a cadeia pecuária ali sente mais este efeito das paralisações por causa de contaminação do coronavírus.

Torres disse ter informação que os frigoríficos no Brasil têm tomado todos os cuidados para evitar a contaminação dos seus funcionários, “embora sempre haja esse risco (de contaminação)”.

### **Surgen casos en plantas frigoríficas y se resiente actividad**

Fonte: Valor Econômico This post was published on 28 de maio de 2020

A disseminação do novo coronavírus começou a afetar regiões produtoras de carne bovina do país de forma mais relevante. O impacto da doença sobre os frigoríficos, que até então estava mais concentrado nos polos de criação de suínos e aves, já levou à interdição de uma unidade.

O Ministério Público do Trabalho (MPT) informou ontem que a Justiça determinou a interdição do abatedouro de bovinos da JBS em São Miguel do Guaporé (RO) até que a empresa faça testes em todos os funcionários para a detecção da covid-19.



De acordo com o MPT, mais de 60% dos casos de coronavírus confirmados no município de Rondônia são de funcionários da JBS. Na última terça-feira, o boletim diário do governo estadual registrava 46 casos da doença em São Miguel do Guaporé. A população da cidade é de 23 mil, o que significa uma taxa de incidência de casos de 199,9 por 100 mil, em linha com a incidência registrada no Estado, de 196,5, e próxima do mesmo indicador em todo o país, que está em 186,2, de acordo com o Ministério da Saúde.

Na decisão na qual determinou a interdição do frigorífico, o juiz Wadler Ferreira mencionou a doação de R\$ 400 milhões que a JBS fará no Brasil para combater a doença. De acordo com o magistrado, o desembolso de R\$ 300 mil para a realização de testes nos funcionários da unidade não causará “nenhum impacto financeiro, até porque este valor pode ser tirado justamente daquele que será doado”.

Procurada, a JBS não fez comentários específicos sobre a decisão judicial, mas reiterou as medidas que vem adotando para proteger funcionários desde o início da pandemia.

Entre as grandes indústrias de carne bovina do país, a JBS não é a única a registrar aumento de casos da covid-19. Em Araguaína, cidade de Tocantins que mais registra casos – quase 1,3 mil -, a Minerva realizou testes rápidos e detectou 55 casos suspeitos entre funcionários. Na planta, o grupo emprega 730 pessoas. Para evitar a disseminação do vírus, a companhia vem trabalhando em suas unidades com somente 70% de sua capacidade, em média.

A Marfrig, segunda maior indústria, também registra casos. No complexo de Várzea Grande (MT), na região de Cuiabá, a companhia tinha, até segunda-feira, 25 casos confirmados. A companhia emprega 3 mil funcionários na unidade. Na segunda-feira, o MPT informou que conseguiu uma liminar obrigando a Marfrig a adotar medidas pra adequar as linhas de produção em todos os frigoríficos do grupo em Mato Grosso.

“Em apenas dois dias, os casos quase dobraram, relevando um aumento em escalada geométrica dos casos de covid-19. Esses dados estão a indicar princípio de surto de covid na unidade”, informou o MPT, em nota. Até quarta-feira, Várzea Grande registrava 178 casos da doença, o que representa uma incidência de 62,42 por 100 mil, acima do índice de 46,7 em Mato Grosso.

Procurada, a Marfrig informou que, com a confirmação dos casos em Várzea Grande, todos os procedimentos previstos em seu protocolo de contingência foram adotados, o que inclui a realização de inquérito epidemiológico e o afastamento, “de maneira preventiva”, de todos os funcionários que tiveram contato com aqueles que testaram positivo.

“A Marfrig está seguindo todas as determinações da vigilância epidemiológica do município que, na quinta-feira passada, dia 14 de maio, fez uma visita a planta e, após análise, aprovou todas as ações feitas e o plano de contingência para a unidade”, informou a empresa, em nota.

### ***Medida Judicial impõe medidas de prevenção para reabrir planta em Santa Catarina***

Fabrica catarinense foi fechada em 18 de maio por auditores do trabalho vinculados ao Ministério da Economia, após casos de Covid-19

Uma liminar da Justiça Trabalho de Santa Catarina obriga a JBS a garantir o distanciamento físico entre os funcionários (distanciamento de 1,5 metro) para que possa reabrir a fábrica da Seara em Ipumirim (SC), informou nesta quinta-feira, 28 de março, a agência Reuters.

A unidade catarinense foi fechada em 18 de maio por auditores do trabalho vinculados ao Ministério da Economia, depois de registro de casos de Covid-19.

Em comunicado, o Ministério Público do Trabalho (MPT) de Santa Catarina afirmou que a JBS também precisará promover afastamento remunerado de funcionários suspeitos de terem o novo coronavírus, mesmo que eles não apresentem sintomas.

### ***JBS Brasil pide autorización para sacrificar 600 mil pollos en su planta de SANTA CATARINA***

Fonte: Valor Econômico. This post was published on 29 de maio de 2020

A JBS vai protocolar na Secretaria de Agricultura e no órgão ambiental de Santa Catarina o pedido para sacrificar cerca de 650 mil frangos, apurou o Valor. Procurada, a JBS não comentou.

As aves, que estão nas granjas, não poderão ser abatidas porque o frigorífico de Ipumirim, no oeste catarinense, está interditado desde a semana passada.

A unidade foi interditada pela Justiça do Trabalho a pedido do Ministério Público do Trabalho (MPT), que alega que a empresa não cumpriu as medidas necessárias para proteger os funcionários do coronavírus.

Neste quinta-feira, o MPT informou que conseguiu uma liminar na Justiça exigindo que a JBS garanta o distanciamento de 1,5 metrô entre os funcionários no abatedouro de Ipumirim.

Na Justiça, a JBS vem argumentando que já adotou uma série de medidas de proteção, e que vem seguindo a recomendação específica para os frigoríficos feita conjuntamente pelos Ministério da Saúde, Agricultura e Economia – este último por meio da Secretaria de Trabalho.

A interdição da unidade de Ipumirim preocupa as autoridades locais. Na terça-feira, o prefeito Volnei Schmidt pediu ajuda do Ministério da Economia para reabrir a unidade, que gera 1,7 mil empregos diretos e indiretos e é responsável por cerca de 60% da arrecadação municipais.





“Desde o início da pandemia foi constatado que a empresa instituiu protocolos rígidos de segurança de forma a prevenir a proliferação do vírus dentro da sua unidade industrial, e sempre que editadas novas recomendações pelas autoridades de saúde, à empresa de pronto as atendeu”, informou a prefeitura de Ipumirim, em nota divulgada na última terça-feira. A autoridade municipal ressaltou, ainda, que a Vigilância Sanitária estadual e municipal vinha monitorando a unidade.

“Por esses motivos, ainda que eventual falha em algum dos procedimentos tenha sido constatada por parte dos auditores fiscais, o município sugere que sejam realizadas as correções mediante protocolos adicionais e que sejam restabelecidas as atividades”, acrescentou a prefeitura.

Conforme o último boletim epidemiológico do governo catarinense, Ipumirim registra 51 casos da covid-19. A incidência de casos por 100 mil é considerada elevada, de 672. A população de Ipumirim é de pouco mais de 7 mil pessoas.

### **TAILÂNDIA aprobó el ingreso de carnes enfriadas procedentes de Brasil**

26/05/2020 País asiático já importava carne congelada e agora vai comprar produto de maior valor agregado

A Tailândia, país do sudeste asiático, já importa carne bovina congelada do Brasil há alguns anos. Agora, o País acaba de galgar mais um degrau nesse mercado: vai exportar carne in natura resfriada, produto de maior valor agregado e que eleva o nível do trato comercial entre os dois países. É na carne in natura resfriada que está a maior demanda de mercados mais exigentes por qualidade.

Para dar início a esse tipo de comércio, de acordo com o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), cinco estabelecimentos frigoríficos foram aprovados a exportar. O ministério informa que as plantas frigoríficas estão localizadas nos estados do Pará, de Rondônia, Goiás, de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Entre eles está a unidade da Minerva Foods, localizada em Palmeiras de Goiás (GO). A empresa informou, em comunicado, que o frigorífico habilitação tem capacidade diária para abater até 2 mil bovinos.

“Mais uma boa notícia para o agro brasileiro”, disse a ministra Tereza Cristina no Twitter. Na semana passada, a ministra havia anunciado a abertura do mercado da Tailândia para os lácteos brasileiro.

conversas entre o Mapa e o Departamento de Desenvolvimento da Pecuária e o Ministério da Agricultura e Cooperativas do país asiático. Recentemente, o secretário adjunto Flavio Bettarello esteve, por duas ocasiões, no país. No caso da carne bovina congelada e miúdos, também congelados, no ano passado a Tailândia importou do Brasil 3,2 mil toneladas por US\$ 5,1 milhões. Nesse comércio, até 2017, predominavam os miúdos. Foi neste ano que a Tailândia dobrou as compras de carne congelada: foram 1,3 mil toneladas por US\$ 2,6 milhões, ante 618 toneladas em 2016.

A Tailândia é um país pequeno, com 68 milhões de habitantes. No Brasil, equivale às populações dos Estados de São Paulo e Minas Gerais. De acordo com o Banco Mundial, o PIB de 2018 foi de US\$ 505 bilhões. Mas o país é um grande importador, gastando mais de 50% do valor de seu PIB em compras externas. O secretário de Comércio e Relações Internacionais do Mapa, Orlando Leite Ribeiro, diz que para carne bovina está dado um potencial de geração de receita da ordem de US\$ 100 milhões nos próximos anos.

Em 2019, a Tailândia importou de todo o mundo cerca de US\$ 90 milhões em carne bovina, incluindo carne bovina congelada do Brasil. A Austrália participou da metade desse valor. Austrália e Tailândia têm um acordo de livre comércio para todos os tipos de carnes (em conjunto com a Nova Zelândia e os demais países da Asean – grupo de países que a Tailândia faz parte) que isenta as tarifas para as exportações australianas desde o início de 2020. As tarifas de importação da Tailândia são 50% para carne bovina em geral e 30% para miúdos de bovino.

O bloco Asian, criado em 1967, é um grande cliente do agronegócio brasileiro. Além da Tailândia, fazem parte as Filipinas, Malásia, Singapura, Indonésia, Brunei, Vietnã, Myanmar, Laos e Camboja. No ano passado, o bloco importou US\$ 5,9 bilhões em produtos agrícolas do País, dos quais US\$ 563,7 milhões foram em carnes bovina, suína e de aves. De carne bovina, principalmente in natura, foram 55,8 mil toneladas por US\$ 187,7 milhões. No bloco, o maior cliente da carne bovina são as Filipinas. Em 2019, esse país comprou 34,9 mil toneladas por US\$ 106,7 milhões. (US\$ 8,18 bilhões).

### **Producción pecuaria evitó la deforestación de 270 millones de ha**

Fonte: Agrolink. This post was published on 27 de maio de 2020

Entre 1990 e 2019, aumento da produtividade pecuária evitou que 270 milhões de hectares fossem desmatados e ainda devolveu 30 milhões de hectares para outras atividades ou regeneração da flora.

Uma consultoria do setor produtivo realizou estudos com base em dados de 10 empresas, entre públicas e privadas, dentre elas Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e o resultado da pesquisa mostrou que num intervalo de 20 anos (1990 e 2019) o aumento da produtividade pecuária evitou que 270 milhões de hectares fossem desmatados.



Ainda de acordo com a pesquisa, a prática devolveu 30 milhões de hectares para outras atividades ou regeneração da flora. O estudo teve como base a necessidade do setor agropecuária em apresentar os números de atividades como a pecuária, diante do recuo das atividades econômicas causado pela pandemia do Covid-19.

O estudo cruzou as diversas bases de informações disponíveis em 2018, e trouxe à tona pela primeira vez um dado que vem sendo atualizado anualmente, à medida que as informações oficiais são divulgadas. Nele, é apontado que a área utilizada pela pecuária e pela agricultura, somando todas as atividades, desde hortícolas até reflorestamento, somava 248,4 milhões de hectares em 2003. Naquele ano foram produzidas 610 milhões de toneladas de produtos vegetais e 40,2 milhões de toneladas de produtos de origem animal.

Em 2019 os brasileiros ocuparam 240,8 milhões de hectares para todas as atividades. A produção, no entanto, atingiu 1,1 bilhão de toneladas de produtos vegetais e 66,5 milhões de toneladas de produtos de origem animal. Produção vegetal e animal tiveram um incremento de, respectivamente, 81% e 66% em 16 anos. A área total para produção agropecuária recuou 7,6%.

Em 2003, os pecuaristas e agricultores retiravam cerca de 2,6 toneladas de produtos agrícolas para cada hectare utilizado, enquanto no último ano foram 4,9 toneladas por hectare, um aumento de 86% no desempenho por hectare. Como a produtividade está aumentando, a qualidade do solo também melhora, consequência de melhores práticas conservacionistas e condução dos tratos culturais.

#### Aumento da Produtividade

O aumento da produtividade não é linear pelo desempenho de cada cultura. Para analisar as culturas, todas as atividades precisam ser avaliadas separadamente. A produtividade da pecuária de corte, por exemplo, aumentou 55% entre 2003 e 2019.

A mudança no uso do solo é um dos fatores que explicam o desempenho do campo nesse quesito. Na média, uma área de pecuária de corte produz cerca de 65 quilogramas de carcaça por ano. Mesmo considerando a produtividade média da amostra obtida pela consultoria, a produtividade será de 190 kg/ha, podendo atingir quase 1 tonelada por hectare entre os mais produtivos.

Quando essa área passa para soja, a quantidade de grãos retirada da área facilmente atinge 3 toneladas por hectare. Se ainda for plantada uma segunda safra de milho, a área renderá entre 9 e 10 toneladas por hectare. O mesmo raciocínio pode ser usado para cana-de-açúcar, eucalipto e outras culturas que avançam sobre área de pastagens.

No período abrangido pelo estudo, que começa em 1990 e vai até 2019, a área de agricultura aumentou cerca de 14 milhões de hectares, sendo que a área total de pastagens recuou quase 22 milhões de hectares. Mesmo computando o desmatamento, de acordo com números oficiais para as pastagens levantados pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais – INPE/Prodes, a quantidade de área repassada para agricultura, somada à área perdida por infestação de plantas invasoras, é suficiente para registrar redução na área cultivada no Brasil.

Esse avanço é possível pelo aumento do aporte tecnológico na produção de carne, o que não ocorre de forma bem distribuída entre todos os produtores. Os pecuaristas mais ágeis melhoram seus sistemas de produção, obtendo maior rentabilidade e ampliando sua escala com produtividades cada vez mais elevadas. Do outro lado, os menos eficientes, grandes ou pequenos, vão perdendo parte de suas pastagens, tanto para a agricultura, como pelo início do processo de recomposição da vegetação natural. Entre 2003 e 2019 foram repassados 2,2 hectares de pastagens para agricultura para cada hectare desmatado, segundo números oficiais do governo federal. E foi iniciado o processo de regeneração em 1,3 hectare, para cada hectare desmatado. O repasse para agricultura intensificou-se a partir dos anos 2000, quando se concentrou praticamente 80% de toda a área que foi convertida.

Para analisar um período mais longo, depois de 1990, o total desmatado somou 40,7 milhões de hectares. Foram repassados 17,5 milhões de hectares para a agricultura e outros 53 milhões de hectares de pastagens foram perdidos por degradação, iniciando a regeneração da vegetação natural.

Seja por demanda, seja por infraestrutura, sempre foi previsível que a pastagem cederia espaço para culturas agrícolas. De acordo com Maurício Palma Nogueira, engenheiro agrônomo autor do artigo, a pecuária nunca foi, e nem é, vetor de desmatamento, mas sim consequência do mesmo. Trata-se da atividade mais adaptável para uma região sem infraestrutura alguma.

Há quem analise a produção com base em indicadores do passado, sem considerar o avanço tecnológico. Se as premissas dessas análises estivessem corretas, a pecuária brasileira teria que ocupar atualmente 430 milhões de hectares. O cálculo é obtido pela produção atual de carne com base no nível tecnológico de 1990.

Somando ainda o balanço entre desmatamento e as áreas em processo de regeneração e repassadas para agricultura, é possível associar o avanço da produção pecuária com a conservação de 300 milhões de hectares nos últimos 30 anos. Além da produção de carne, e de todos os avanços econômicos e sociais, a pecuária brasileira é responsável pela proteção ambiental média de 10 milhões de hectares a cada ano.



## URUGUAY

### **Mercado estable y expectante: llegada de cuadrillas kosher aumentaría valores del novillo**

27 de mayo de 2020

Mercado estable y expectante: llegada de cuadrillas kosher aumentaría valores del novillo

Continúa una muy escasa oferta de ganados de pasturas y la faena está sostenida por ganados provenientes de corral. La demanda industrial por ganados de campo tiene una neta preferencia por vacas impulsada por China y relega al novillo produciéndose una cercanía histórica de precios entre ambas categorías.

Gustavo Basso, director del escritorio con el mismo nombre dijo a GanaderíaUY que “hay una expectativa del productor con la llegada de cuadrillas kosher que provocará un inexorable aumento en el precio del novillo”.

Los negocios por novillos de exportación están trancados mientras se mantienen las dificultades de colocación en Europa. Los pocos negocios concretados se mantienen igual que en semanas anteriores, entre US\$ 3,15 y US\$ 3,20 por kilo en cuarta balanza.

La vaca –destinada principalmente al mercado chino- cotiza entre US\$ 3,05 y US\$ 3,12. Mientras que los ganados con destino al abasto mantienen la firmeza de precios aunque se acentúa la competencia de la carne importada, las vaquillonas especiales cotizan entre US\$ 3,20 y US\$ 3,25, pudiéndose lograr algún centavo más por ganados excepcionales.

En el mercado de reposición la oferta es pretenciosa y la demanda cautelosa y eso hace que el mercado se “enfríe” y la concreción de negocios sea escasa explicó Basso. En la reunión semanal de la Asociación de Consignatarios de Ganado, los terneros hicieron un promedio de US\$ 2,15, siete centavos menos que los US\$ 2,22 de la semana anterior.

### **Rafael Tardáguila: Oferta se adecua a menor demanda**

28/05/2020 - 4:00 AM

La producción de carne tiende a desacelerar la velocidad de engorde, de manera de no proveer al mercado con un producto por el cual la demanda se contrajo.

La demanda por carne vacuna caerá por la recesión global, pero la oferta se está adecuando a esta situación, reduciendo la cantidad de animales en corrales de engorde. Eso está sucediendo en los tres principales países exportadores del producto y también en Uruguay.

La demanda internacional de carne bovina está íntimamente ligada a la evolución de la economía. Cuando ésta crece a buen ritmo, aumenta el ingreso de la población y sube el consumo de proteína animal, en especial de carne vacuna, que es una proteína relativamente cara comparada con las otras dos principales, cerdo y pollo.

Quizás en Uruguay eso no se ve de forma tan clara porque la carne es considerada un artículo de “primera necesidad”, por lo que su demanda es relativamente inelástica respecto del poder adquisitivo. Pero en otros lados donde no hay tal fervor por el “asadito”, el impacto de la evolución del PBI sobre el consumo de carne es mucho más notorio. Brasil es un claro ejemplo. Durante la grave recesión de 2015 y 2016, con caídas del PBI del orden de 3,5% anual, el consumo de carne cayó más de 1,5% anual. Cuando la economía se recuperó, también lo hizo el consumo del producto.

Por lo tanto, la recesión mundial determinada por la pandemia de Covid-19 tiende a disminuir el consumo de carne vacuna, más aún al impactar de lleno en la salida a comer afuera. Los restaurantes son de los que más sufren la pandemia, primero por estar cerrados y luego porque, en donde van abriendo, la población sigue reacia a salir a comer afuera. Es lo que sucedió en China: cuando las medidas restrictivas del movimiento de la población se hicieron más laxas, reabrieron alrededor de 2 millones de restaurantes en el país. Sin embargo, la población siguió reticente a salir en los casos que no fuera estrictamente necesarias, por lo que la concurrencia fue muy inferior a la esperada. Y no es poca cosa, porque alrededor de 80% de la carne vacuna en China se consume fuera del hogar.

Por lo tanto, con un PBI mundial que se estima sufrirá una importante recesión, el consumo de carne vacuna va a caer. Si se mantuviera la producción inalterada, la forma en que el mercado adecuaría la situación sería con una baja en los precios del producto. De hecho, es lo que ha sucedido en buena parte de las principales ganaderías del mundo.

Pero no es la única reacción. La oferta también se adecua a esta situación, reduciéndose. En varios de los principales países productores los corrales de engorde están bajando drásticamente la cantidad de animales. Y los números son bastante coincidentes en los tres principales exportadores mundiales.

En Estados Unidos, al 1º de abril la cantidad de vacunos en los corrales de engorde de más de 1.000 cabezas, de acuerdo con lo informado por el Departamento de Agricultura (USDA), era de 11,3 millones de cabezas, 5,5% menos que en el mismo día del año anterior. Es la mayor caída porcentual desde 2003,



cuando estalló el tema de la vaca loca en la ganadería estadounidense. Además, hay un plan para pasar parte de los animales a “dieta de mantenimiento”, de manera de atrasar su terminación.

En Brasil, el Instituto Mato-grossense de Economía Agropecuaria (IMEA) estima que la intención de los productores de Mato Grosso -el estado con más vacunos de todo Brasil- de encerrar animales este año es 30% inferior a la del pasado, de acuerdo con la primera encuesta realizada. En abril, 53,7% de los productores consultados dijo que iba a confinar, 14,6% todavía no lo había decidido y 31,7% habían decidido no hacerlo. IMEA advierte que en la primera consulta suele haber un mayor recelo a confinar, pero advirtió que las respuestas de este año son las de un peor escenario desde 2013. En base a estos números, la cantidad de vacunos confinados en el estado pasaría de 824.255 en 2019 a 577.550 en el corriente.

IMEA atribuye la decisión de los pecuaristas a la suba del precio del maíz, al menor consumo interno de carne vacuna debido al impacto del Covid-19 y a la valorización de la reposición.

En el caso de Australia, el tercer principal exportador del producto, el número de bovinos en feedlots podría caer 30% en el trimestre abril-junio de este año, de acuerdo con el prestigioso analista Simon Quilty. Pronostica que los números en los corrales de engorde tocarán fondo con 867.000 cabezas, una caída de más de 370.000 o 30% desde las cifras récord determinadas por la sequía en el trimestre a diciembre del año pasado.

En Uruguay la expectativa es que suceda algo similar. Consultado Álvaro Ferrés, presidente de la Asociación Uruguaya de Productores de Carne Intensiva (Aupcin), no dudó en que la cantidad de animales en los corrales de engorde descenderá en el segundo semestre. En parte por la reducción del negocio dentro de la cuota europea 481 y en parte por la incertidumbre determinada por la crisis en la Unión Europea. Los frigoríficos no hacen más contratos a precio fijo; ahora se establecen precios con la referencia de la Asociación de Consignatarios de Ganado más 25-30 centavos, lo que le quita certidumbre al negocio. No arriesgó un porcentaje de descenso de cara a la oferta de animales para la ventana de agosto, pero dijo que “una baja de 30% no suena disparatado”.

En definitiva, la producción de carne tiende a desacelerar la velocidad de engorde, de manera de no proveer al mercado con un producto por el cual la demanda se contrajo. El impacto, con toda seguridad, se sentirá igual, pero lo hará en menor medida debido a esta estrategia que está siendo tan global como la crisis.

### **La apertura de Europa se nota en las exportaciones**

27 de mayo de 2020

Interesante repunte de las exportaciones a Europa en la última semana, en tanto sigue firme EEUU y flojo el mercado de China.

En el caso de la Unión Europea, la situación sanitaria sigue mejorando, viene el verano, España anunció la apertura al turismo y eso se hizo sentir con la mejor semana de exportaciones en mucho tiempo. Modestas todavía pero auspiciosas.

En el caso de EEUU se confirma la firmeza del mercado, complicado en la interna por los problemas de su industria frigorífica con el Covid 19. De todos modos, el pico de casos en EEUU ya pasó y seguramente la firmeza es transitoria.

Mientras tanto el principal comprador, China sigue siendo el principal pero no despegó. Las ventas van en leve declive. Es fundamental que se concrete la llegada de las cuadrillas Kosher para generar una alternativa en los cortes del delantero.

### **CHINA vuelve a proponer renegociaciones de precios**

Al igual que en noviembre del año pasado, exportadores uruguayos y de la región señalaron que hay renegociaciones de precios y retrasos de pagos por parte de algunos compradores chinos de carne vacuna. ¿El motivo?

El mismo que en noviembre de 2019: la preocupación del Gobierno chino por el aumento en el precio de la carne de cerdo en el gigante asiático llevó a la liberación de stocks de carne y sumado a esto, el ingreso de proteínas por el canal gris –Hong Kong- y Vietnam.

### **Se espera la llegada de equipos Kosher**

28 de mayo de 2020

Este fin de semana se espera la llegada de las cuadrillas Kosher desde Buenos Aires en vuelos charter. Cumplirán la cuarentena en hoteles durante siete días donde se realizará el hisopado que determinará si podrán realizar o no la faena de acuerdo a los protocolos establecidos por el Ministerio de Salud Pública.

Según pudo confirmar GanaderíaUY, estos equipos que llegan faenarán en los frigoríficos Las Piedras y Colonia, y la carne tendrá como destino Estados Unidos e Israel respectivamente.



El test se realizará previo y posterior a la faena y los costos de los mismos y de la estadía durante los siete días de cuarentena serán asumidos por el Instituto Nacional de Carnes.

El Ministro de Ganadería, Carlos María Uriarte, informó este miércoles 27, que en pocos días llegarán al país rabinos a realizar el rito kosher en la faena para Israel. “Se demuestra una actividad cada día más pujante que mejorará la capacidad industrial y reforzará las exportaciones”.

El retorno de las compras de carne kosher con destino a Israel y EEUU genera una expectativa de aumento en el precio del novillo gordo y la posibilidad de colocación de cortes del delantero.

### **INAC apuesta a la apertura de mercados en el Sudeste Asiático**

28 de mayo de 2020

El Instituto Nacional de Carnes (INAC) tiene la mirada puesta sobre la región del Sudeste Asiático en busca de nuevos mercados para la carne local.

Álvaro Pereira, jefe de Acceso e Inteligencia de Mercado de INAC, señaló que Indonesia, Filipinas, Vietnam, Malasia y Tailandia son mercados que parecen particularmente interesantes, donde Uruguay ha perdido pie. Estos países representan el 10% de la importación mundial de carne.

“Uruguay tiene acceso a  $\frac{3}{4}$  del mercado importador mundial, la situación de acceso en términos de habilitación es muy bueno, y son muy pocos los países acceden a más mercados que Uruguay”, dijo entrevistado por el programa Tiempo de Cambio de radio Rural. Medio Oriente, el norte de África y el Sudeste Asiático son regiones en las que aún no se ha entrado.

Pereira informó que estos mercados están en intercambios documentales, y el más cercano a la apertura tal vez sea Vietnam. En los demás se avanza en negociaciones sanitarias que llevan tiempos que no dependen de Uruguay.

“Las oportunidades están sobre la mesa. Nos estamos concentrando en estos mercados que no están”, subrayó.

En la reunión semanal de la junta directiva de INAC se presentó este lunes un panorama técnico de la situación actual de mercados. “Nuestro deseo es escribir un plan de trabajo donde INAC defina cuáles son sus prioridades e intenciones y luego con eso claramente definido ir a reuniones bilaterales con Ganadería, y con Cancillería, buscando que se ataquen estos problemas en estos órdenes”, explicó Pereira.

El arancel de Australia en estos países es de cero, lo que se presenta como una dificultad. A terceros países, los aranceles van entre 5% y 15%.

“La situación de Uruguay es bastante más avanzada en el eje no arancelario que en el arancelario. En el eje arancelario es innegable que nos hemos quedado atrás y que nos están sacando ventajas importantes”, remarcó.

### **China compró más carne en abril, pero cayó la participación de Uruguay como proveedor**

28 de mayo de 2020 China compró más carne en abril, pero cayó la participación de Uruguay como proveedor

China importó 160.000 toneladas de carne vacuna en abril, un 28% más que en igual mes del año pasado, según datos de aduanas dados a conocer esta semana. En el primer cuatrimestre las compras externas de carne vacuna dieron un salto de 54% a 680.000 toneladas. Respecto a marzo las compras de carne vacuna cayeron 24%.

En la comparación interanual en abril Brasil casi duplicó su participación como proveedor, pasando de 22% a 39%. Argentina aumentó de 20% a 22%. Mientras que, por el contrario, Australia cayó de 22% a 18%, Nueva Zelanda de 16% a 9% y Uruguay de 20% a 12%, informó Valor Carne.

Australia logró el mejor precio promedio de exportación, con casi US\$ 6.000 por tonelada, seguido por Brasil con US\$ 5.300 y Nueva Zelanda con US\$ 5.000. Argentina, con US\$ 4.700 y Uruguay, con US\$ 3.800 se encuentran al fondo del ranking.

En carne de cerdo las importaciones chinas alcanzaron un récord histórico de 400.000 toneladas en abril, casi 170% más que mismo mes del año anterior, con compradores aprovechando los bajos precios para abastecerse.

En los cuatro primeros meses del año las importaciones de carne de cerdo sumaron 1,35 millones de toneladas y prepararon 170% respecto al mismo período del año anterior.

Los envíos de carne de cerdo de EEUU a China fueron récord para el periodo enero-marzo, según datos del Departamento de Agricultura de EEUU.

La peste porcina africana redujo el stock de cerdos de China en al menos un 40%, y de derrumbó la producción de carne de cerdo, impulsando los precios de la carne favorita del gigante asiáticos a niveles récord.

Aunque los precios de la carne de cerdo en China también han caído de manera constante desde principios de febrero, todavía son casi el doble de lo que estaban hace un año, y fueron tres o cuatro



veces superiores a los precios de la carne de cerdo de EEUU en marzo, antes de que el cierre de plantas, por la Covid-19, provocara una suba marcada a mediados de abril.

Es probable que el salto en los precios de EEUU reduzca las importaciones de carne de cerdo en el mes siguiente, mientras los precios en china siguen cayendo debido a la débil demanda interna, señaló Reuters.

### **Lanzan promoción para celebrar “el día Nacional de la Carne”**

24/05/2020 Por una semana el peceto relleno se venderá a \$ 279 el kg. en carnicerías.

Para los uruguayos no hay mejor forma de celebrar algo que comiendo carne. Por eso, la Unión de Vendedores de Carne lanzó una campaña con una promoción especial por una semana, que finalizará el viernes 29 denominado “El Día Nacional de la Carne”.

Lo es en recuerdo que el 29 de mayo de 1876 por primera vez un buque transportó carne congelada a través del Atlántico, desde el Río de la Plata a Europa.

Por ello para INAC es un día de difusión de la importancia de la carne en la dieta humana. La Junta de INAC instauró esta fecha por resolución en la década de los 80, con el fin de que fuera un día de difusión de la importancia de la carne en la dieta humana.

La promo. Las carnicerías agremiadas a UVC ofrecerán un producto diferencial: el peceto relleno, con un 30 % de descuento, o sea a \$ 279 el kilo.

Los carniceros, buscando una diferenciación, no cobrarán la mano de obra del producto que se elaborará en cada carnicería (relleno de panceta, zanahoria y morrón) y tendrá dicho valor rebajado hasta el viernes 29 inclusive. Se vende el peceto entero, que pesa en torno a 1,8 kg., ya preparado, mechado. Va crudo para hacerlo al horno o como estofado, considerando que justo el viernes 29 es el tradicional día de ñoquis.

“La idea es tener una oferta de algo más barato para competir con las grandes superficies con un producto diferenciado”, aseguró Hebert Falero. Y dijo que las elaboraciones las hacen los mismos carniceros “para promocionarlos en la carnicería tradicional”.

Además, tras este día especial, los carniceros piensan instrumentar ofertas mensuales de productos elaborados.

Por otra parte, buscan hacer una cadena, tratando de unificar la imagen de todas las carnicerías tradicionales, a través de una marca, como forma de lograr un futuro promisorio mejor para todos.

Hoy, según el secretario de la UVC la situación económica de los carniceros no es la mejor, “no son épocas de márgenes buenos”, dijo Falero, por eso desde la UVC están abocados en lograr medios para ello.

En ese sentido, se está trabajando en la instrumentación de ventas virtuales. Para ello confían en que tenga éxito la aplicación que desarrollará INAC (ver nota aparte). Pero la idea es tratar de seguir en esa línea, “siempre buscando dar un valor diferencial al cliente”.

El momento. Hasta ahora las carnicerías no sufrieron una caída como otros rubros a causa del Coronavirus. Desde que llegó la pandemia al país, nunca cerraron y las ventas no han sido tan malas. “En la Semana de Turismo, al no irse la gente de viaje, este año no cayeron las ventas y se cerró un mes mejor que otros años”, graficó Falero. Ahora, en estos días sí se empieza a notar la falta de dinero por la gente que está en el Seguro de Paro, “porque hasta el otro mes habían cobrado el sueldo entero”. Por ello esta semana que terminó “fue floja después de una época normal de ventas”.

El directivo dijo que la situación de los asociados, en cuanto a los números, es dispar. “Las carnicerías que tenían repartos están mal, porque los restaurantes, bares, comedores, escuelas, eventos, etc. están prácticamente sin consumo. Incluso algunas han mandado gente a Seguro de Paro”. Pero, según Hebert Falero, “las que tenían mostrador fuerte se han mantenido en los niveles normales de venta en estos meses”.

### **Ganar mercados “saltando barreras” es el gran desafío**

28/05/2020 - La crisis sanitaria causada por la aftosa en 2001 fortaleció la imagen de Uruguay que ganó mercados y hoy logra diferenciarse de la región con destinos de alto valor para sus carnes.

“Hay generaciones de veterinarios que no conocen la aftosa y hay un gran trabajo por hacer para capacitarlos”.

El Cono Sur lleva 19 años sin focos de fiebre aftosa y sin circulación viral, pero los dolores de cabeza, tanto productivos como comerciales que generaron las epidemias, siguen bien presentes.

La fiebre aftosa, aún hoy es usada por muchos países como una barrera comercial o barrera no arancelaria, principalmente cuando un país quiere exportar carne bovina con hueso a uno que está libre. Lo cierto es que no hay datos científicos que se pueda transmitir mediante esta vía, cuando el país vendedor tiene un status sanitario reconocido como país libre, pero usando la vacunación.



Los últimos casos de aftosa en Uruguay fueron 2001 y el virus entró desde Argentina. El 30 de abril de 1999, el entonces presidente Carlos Menem aplicó en la Estancia Facundo, en Colonia Caroya (Córdoba), la última vacuna oleosa contra aftosa y anunciaba el cese de la inoculación del ganado. En paralelo, a pocos kilómetros, se aplicaba el rifle sanitario para taponar los focos, cosa que Uruguay sospechaba. En el año 2000, la Organización Mundial de Sanidad Animal, le otorgaba el status de libre sin vacunación, el mismo que Uruguay gozaba desde 1996. Confiamos en los vecinos y el marronazo no tardó en llegar.

Uruguay aprendió la lección, se afirmó en esa fortaleza de trabajar en conjunto el sector público con el privado y reconquistó los mercados más importantes: Canadá, Estados Unidos y la Unión Europea. Hoy la situación es otra y siendo país libre de fiebre aftosa con vacunación, entra con su carne sin hueso en Corea del Sur y Japón, además de ingresar con hueso en China y esa es una diferenciación importante con la región.

Ganar mercados. Mirando para adelante, “el desafío principal es reforzar, con el status actual, la mejora en el acceso a los mercados”, afirmó a El País el director de Marfrig, Marcelo Secco, que además de industrial, es médico veterinario.

Como otro de los desafíos puso “la valorización del status sanitario y el análisis del costo y la oportunidad de mejorarlo”. Y profundizó: “Ese ejercicio de defender lo que tenemos y buscar accesos con eso que tenemos, es el desafío más importante desde el punto de vista comercial, conjuntamente con lo arancelario”.

El acceso a Corea y Japón o en el caso de China, con carne con hueso, mostró que es posible “seguir avanzando y revisar periódicamente la oportunidad de dar un paso más, para ver la relación costo/beneficio, en forma permanente, en función del nuevo contexto de política sanitaria a nivel mundial”, dijo el Dr. Secco.

Es que las enfermedades son dinámicas en el mundo, por eso CEO de Marfrig consideró que “se precisa una revisión para ver el peso relativo de lo que es fiebre aftosa hoy en el acceso a mercados, con relación a otras enfermedades. En plena pandemia del Coronavirus, bienvenido sea reforzar el status que tenemos y llevar a discusión internacional la oportunidad de seguir mejorando el status”.

El industrial entiende que las epidemias de fiebre aftosa en Uruguay dejaron enseñanzas y “una resiliencia en lo que es el control y la gestión del status sanitario del país, con aprendizaje de lo que es control a nivel país y a nivel regional, como una herramienta fuerte”. Pero en lo externo, fortalecieron la imagen de Uruguay y su transparencia: “la gestión de las crisis sanitarias nos dejó una excelente reputación desde el punto de vista sanitario por la excelente transparencia con la que se manejó el caso en sí”.

Jugar su partido. Para los veterinarios, el mayor desafío futuro para seguir avanzando en la conquista de mercados es establecer y mantener un buen sistema de vigilancia de las sospechas que puedan darse en el campo y comunicarlas de inmediato al servicio oficial.

“Hay varias generaciones de veterinarios nuevos que no conocen la fiebre aftosa porque no la vieron en el campo. Hay un gran trabajo para hacer, sobre todo en conocimiento de la enfermedad, en un diagnóstico preciso, en comunicación de casos sospechosos que eso es parte de la vigilancia”.

Para el Dr. Roque Almeida, la mayor enseñanza que dejó la epidemia de aftosa de 2001, fue que si bien “tenemos monitorear y vigilar lo que es la región, Uruguay tiene que estar jugando su partido solo, pensando en los productores y en la producción de carne porque es un país que exporta el 80% de lo producido”. No está en contra de los acuerdos, todo lo contrario y argumenta que hay que “seguir estableciéndolos con los países vecinos, pero sabiendo que dependemos de nosotros mismos”.

El delegado de CAF en la Conhasa entiende que la ganadería uruguaya debe seguir con su camino y seguir vacunando los bovinos. “Con la vacunación estamos tranquilos sabiendo que no tenemos problemas de comercialización con los mercados y no hay que olvidarse de lo que pasó en 2001. Ahora debemos seguir con la vacunación porque nos da una seguridad relativa”. Almeida reconoció que la seguridad es relativa, porque la vacuna protege contra los virus regionales y no contra los extra continentales, pero aun así, consideró que “vale la pena mantener esa tranquilidad y no volver a vivir la crisis del 2001 que nos dejó un sabor muy amargo”.

Ciencia. Por otro lado, el delegado de la Asociación Rural del Uruguay en la Organización Mundial de Sanidad Animal (OIE), Jorge Bonino, dijo que a futuro, Uruguay “debe seguir trabajando y tratar que la comunidad científica y la política, pueda entender que el hecho de vacunar no puede ser una limitante en el comercio y lo importante es que los países y las regiones logren, lo antes posible, un muy buen control de la aftosa que vaya llevando a una erradicación. Hay que tener muy buenos controles y tratar que la aftosa no sea una limitante en el comercio”, afirmó el profesional.

Bonino viene representando al sector privado ante la OIE desde hace 31 años y afirmó: “hay que mantener la integración de todos los sectores, mantener la sanidad como política sanitaria y buscar una integración regional, porque los virus no tienen fronteras políticas”.



## **Paraguay Arribaron rabinos que darán inicio a la faena kosher para Israel**

26/05/2020 - En Uruguay se estima que rabinos podrían estar llegando en una o dos semanas.

Ayer en la mañana arribaron al Aeropuerto Internacional Silvio Pettirossi de Paraguay las cuadrillas de faena kosher compuestas por 38 rabinos para dar inicio al procesamiento industrial de bovinos en una serie de frigoríficos habilitados para el mercado israelí.

Si bien algunas plantas esperan la llegada de más rabinos para dentro de una o dos semanas, la presencia de las primeras cuadrillas en Paraguay favorecen a la reactivación de los envíos de productos cárnicos a uno de los principales mercados del país, manifestaron públicamente desde el sector industrial. Los rabinos deberán cumplir una cuarentena obligatoria en los hoteles de albergue previo al inicio de las actividades en plantas, normas establecidas por el gobierno paraguayo en el marco de la cuarentena sanitaria. Según la información de mercados, los frigoríficos paraguayos cerraron negocios con importadores de Israel a un promedio de US\$ 5.000 a US\$ 5.300 por tonelada.

## **UNIÓN EUROPEA**

### **La Comisión Europea plantea reducir en un 50% el uso de antibióticos en la ganadería**

25/05/2020

La Comisión Europea adopta una nueva y estrategia De la granja a la mesa que, en consonancia con el Pacto Verde Europeo, propone acciones y compromisos ambiciosos de la UE para poner coto a la pérdida de biodiversidad en Europa y en el mundo.

Facilitará la transición a un sistema alimentario sostenible de la UE que proteja la seguridad alimentaria y garantice el acceso a dietas sanas con origen en un planeta sano. Reducirá la huella ambiental y climática del sistema alimentario de la UE y reforzará su resiliencia, protegiendo la salud de los ciudadanos y garantizando los medios de subsistencia de los agentes económicos.

La estrategia establece objetivos concretos para transformar el sistema alimentario de la UE, por ejemplo, reducir un 50% el uso y el riesgo de plaguicidas, reducir como mínimo un 20% el uso de fertilizantes, reducir un 50% las ventas de los antimicrobianos utilizados en la ganadería y la acuicultura, y alcanzar un 25% de tierras agrícolas dedicadas a la agricultura ecológica, recoge Oviespaña.

### **IRLANDA Detectado un caso de EEB atípica**

26/05/2020 A mediados del pasado mes de mayo, el Departamento de Agricultura, Alimentación y Medio Marino (DAFM) de Irlanda fue notificado de la detección de un caso de EEB en un laboratorio privado acreditado aprobado por la autoridad competente.

La detección se llevó a cabo dentro de la toma de muestras en animales muertos con 48 meses de edad o más. El material de la muestra y el cerebro fueron posteriormente remitidos al Laboratorio nacional de referencia, donde muestras de diferentes áreas del cerebro fueron sometidas a pruebas de confirmación mediante un método Western Blot aprobado por la OIE, un protocolo de dos transferencias para la clasificación de las cepas de la encefalopatía espongiforme bovina (EEB).

Todas las muestras tenían un patrón molecular idéntico que indicaba EEB atípica de tipo H.

Según los protocolos del Laboratorio nacional de referencia, las muestras del animal fueron enviadas entonces para histopatología e inmunohistoquímica del bulbo raquídeo. Se recibieron los resultados de las pruebas confirmatorias finales del Laboratorio nacional de referencia el 22 de mayo de 2020, confirmando el caso como EEB atípica de tipo H.

Se detectó en una vaca de 14 años de raza Limousin de ganado lechero. Tuvo antecedentes de signos neurológicos que fueron observados por primera vez a finales de marzo de 2020: la vaca presentaba ataxia y permanecía echada, pero consiguió levantarse con ayuda.

### **ALEMANIA decide acabar con la subcontratación laboral en la industria cárnica a partir de 2021**

25/05/2020

Dentro de su decisión de promover la mejora de la salud y la seguridad ocupacional de la industria cárnica, el Gobierno alemán ha anunciado su intención de acabar con la subcontratación y la temporalidad laboral en la industria cárnica desde 2021. Destacan que habrá determinadas excepciones pero aplicarán cambios legislativos para poner en marcha esta decisión.

Con anterioridad, el ministro de Trabajo, Hubertus Heil, había anunciado que quería modificar estos aspectos laborales en la industria cárnica. Por su parte, la ministra alemana de Agricultura, Julia Klöckner, también aprobó la decisión del gabinete, que ahora debe ser promulgada o enmendada.

"Hay condiciones en la industria de la carne que son insostenibles. Las empresas deben asumir la responsabilidad de sus empleados. No puede simplemente subcontratarlos y esquivar su responsabilidad sobre los subcontratados. Hay una necesidad obvia de ajuste.. Es por eso que hoy, como gobierno





federal, hemos tomado una decisión clara que permite excepciones para los negocios de carnicería. Ahora le corresponde al Ministerio Federal de Trabajo presentar una ley que elimine las quejas existentes y sea legalmente segura", dijo el ministro.

Las quejas han llegado desde grandes grupos como Tönnies que ha dejado claro que una crítica general de la subcontratación del trabajo no está justificada, ya que la producción en Alemania es la columna vertebral de la economía. La compañía presentó un programa de 5 puntos para la industria de la carne y exigió reglas claras ya que la subcontratación se utiliza en numerosos aspectos de la economía alemana. El presidente de la Asociación Central de la Industria Avícola Alemana (ZDG), Friedrich-Otto Ripke, incluso calificó la prohibición de contratos de trabajo en la industria cárnica como inconstitucional. También señaló que tales contratos de trabajo también están permitidos en otras industrias. Por lo tanto, una prohibición unilateral discriminaría y discriminaría a la industria cárnica. El gabinete federal decide prohibir los contratos de trabajo a partir de 2021.

## **BREXIT:**

### **Gran Bretaña: "No creo que ningún país tercero sea afectado por la salida de la UE"**

25/05/2020 - 11:48 AM

El embajador Ian Duddy aseguró que la preferencia del Reino Unido es negociar en bloques.

Durante el 2020 el Reino Unido dejó de ser miembro de la Unión Europea y en 2021 tendrá su propia política de comercio con un nuevo régimen de aranceles, que ya se está en proceso de negociación con los socios comerciales. "Es un año de transición", anunció a Rurales El País Ian Duddy, embajador de Gran Bretaña en Uruguay.

En ese sentido, dijo que su gobierno ya anunció el interés de iniciar intercambios de comercio con la Unión Europea, los Estados Unidos, Nueva Zelanda, Australia y Japón.

Con respecto a la posición de Uruguay en una futura negociación, hoy en la Junta del Instituto Nacional de Carnes (INAC) se comenzará a definir una estrategia de intercambio.

El Embajador aseguró que "no creemos que ningún país tercero que sea afectado por la salida de la Unión Europea", y agregó que "la idea es determinar una cuota provisoria para los años venideros", de acuerdo a la disponibilidad de Uruguay en el bloque europeo y el porcentaje que se destina de las cuotas a Gran Bretaña.

Y reiteró: "La idea es que ningún país sea afectado por nuestra salida y no vemos daños en las exportaciones uruguayas, más allá que a futuro la carne sea un factor de negociación".

El embajador Duddy afirmó que "puedo imaginar una negociación de libre comercio entre el Reino Unido y el Mercosur, pero la decisión no es solo de nuestro país". Por la capacidad limitada de negociar varios acuerdos en un periodo corto de tiempo, Duddy dijo que "la preferencia es poder negociar en bloques".

## **REINO UNIDO: Rechazan proyecto de Ley Agropecuaria**

29 May 2020 Farm animal vets push for a "once-in-a-generation opportunity" in an open letter to the House of Lords that urges them to reject the Agriculture Bill and return it to the House of Commons.

The letter, signed by key groups like the BCVA, SVS and GVS, comes after a defeat to the Bill earlier this month, which would have protected farm animal welfare and food standards entering the UK as part of future trade deals.

Goat Veterinary Society president Nick Perkins, BCVA president Nikki Hopkins, and Sheep Veterinary Society president Nick Hart have called on members of the Food, Poverty, Health and Environment Committee "to lead the way in securing this once-in-a-generation opportunity to keep consumers safe and back British farming".

The letter reads:

"As the British Cattle Veterinary Association (BCVA), Sheep Veterinary Society (SVS) and Goat Veterinary Society (GVS) we are writing to you on behalf of our members and to stand alongside our farming colleagues and clients, in expressing our disappointment at the recent rejection of the Agriculture Bill amendments during the final Commons debate.

"Now that the Bill has passed to the House of Lords, after it cleared its third and final reading in the House of Commons, we are urging our learned peers and members to use your influence to scrutinise and reject the Bill in its current form. It is imperative that the UK maintains our high standards of production and guarantees that imports produced to a lower welfare standard never reach our supermarket shelves.

"The farming community is integral to the UK and without its existence many rural communities would cease to exist and would not be recoverable. The COVID-19 pandemic has emphatically highlighted the importance of food security and how UK production can rise to meet the most demanding challenges.'

A prime opportunity

The letter continues: "British vets have worked alongside farmers, agricultural industry bodies, government, and food assurance schemes to consistently improve the welfare and health of animals farmed for their



produce in this country. The Agriculture Bill presents a prime opportunity to ensure that the hard work and financial investment of the farming community is not in vain.

"We cannot allow food produced to standards which have been illegal in this country for decades to freely enter this country. Given the exit from the European Union, this opportunity is not only the best opportunity to support farming in this country, it may be the only one."

## **ESTADOS UNIDOS**

### **COVID-19 Impacto en cadena de ganados y carnes**

#### ***Turbulencias en feed lots***

Derrell Peel - Oklahoma State University May 26, 2020 11:21 AM

The latest USDA Cattle on Feed report shows the dramatic impacts of COVID-19 on fed cattle markets. The May 1 feedlot inventory was 11.2 million head, down 5.1 percent year over year. April marketings were down 24.3 percent from last year, a decrease of 433,000 head year over year. Decreased marketings reflect the severe disruptions in cattle slaughter in April and continuing into May. This follows a 13.1 percent year over year increase in March feedlot marketings.

The average year over year change over March and April together was a 6.4 decrease in marketings. The slowdown in April marketings and resulting backlog of fed cattle in feedlots would have been more severe without the strong March marketings that pulled some cattle ahead. The backlog of fed cattle continued to build in May.

April placements were down a sharp 22 percent year over year and follow a 23 percent placements drop in March. Combined March and April placements were down 867,000 head from last year. This suggests that a significant drop in expected feedlot marketings starting mostly in September and into October. Of course, the delayed placements from March and April will show up starting in May and will be heavier but the delay will help feedlots have a chance to get current.

The feedlot industry will spend much of the summer working through the backlog of fed cattle but the hole from March and April feedlot placements should provide a marketing window to catch up by this fall if not before.

Packing plant disruptions due to COVID-19 began in early April with a 19.3 percent year over year decrease in steer and heifer the week ending April 11. Year over year slaughter totals decreased for four weeks culminating in a 41.2 percent year over year decrease in steer and heifer slaughter the week ending May 2.

The beef packing industry appears to have made significant progress in restoring capacity the past three weeks with estimated total cattle slaughter this past week down 14.2 percent from year ago levels.

#### ***Establecimientos de menor tamaño aumentan su actividad ante los cierres por casos de COVID***

27 May 2020 Small meat processors across the US and Canada report months-long bottlenecks as farmers search for abattoirs to process backlogged livestock.

In an in-depth analysis by PJ Huffstutter and Rod Nickel from Reuters, small-scale slaughter operations report spikes in numbers as COVID-19 outbreaks at major US and Canadian meat plants force farmers and consumers to seek alternatives to a crucial supply chain link.

Inside the small-scale Iowa abattoir Stanhope Locker and Market, owner Shaunna Zanker yawns with exhaustion as she listens to yet another farmer asking her to slaughter his pigs.

"I'm so sorry, but we're booked through March of next year," Zanker said on the phone. "How about next June?"

Since 1946, this Stanhope, Iowa, shop – one of 1,500 independent American slaughterhouses - has processed a few farm animals from local farms each week and sold cuts of beef and pork to the public.

Now the family-owned business and others like it are overwhelmed and are forced to turn away farmers. Since COVID-19 outbreaks among abattoir workers have left large meat processors closed or at reduced capacity, there aren't enough places to slaughter thousands of cattle and pigs. The reduction in capacity has also left store shelves with little or no meat in major exporting countries that would otherwise have healthy supplies.

In the US, small-scale processing plants represent a miniscule portion of the market – nearly 80 percent of US beef is produced by four large companies. Economists estimate that around 1 percent of American hogs are processed and small-scale meat lockers.

The consumer rush for meat is straining supplies at TL Keller Meats in Litchfield, Ohio, and forced them for the first time ever to ration sales: Five pounds (2.3 kg) of ground beef per person and two packs of burger patties per family.

Owner Tom Keller and his 23 employees are processing as fast as they can. In March, they slaughtered 104 cattle, twice the rate a year earlier.

"People are going mad trying to fill their freezers," Keller said after putting in a 13-hour day.



A new spate of panic buying

Alberta, Canada's main cattle-producing province, is struggling to deal with reduced production capacity at the country's two main beef plants, owned by Cargill Inc and JBS SA.

Cattle at the feedlot stage are being turned away from the big plants as the backlog of supplies steadily grows.

In response, some farmers are calling Marc Lustenberger, owner of the Meat Chop abattoir near Penhold, Alberta, who already has a brisk business cutting meat for farmers to sell directly to consumers.

"There's lots of panic buying," Lustenberger said. "Looks like it's not going to stop anytime soon."

In March and April, Alberta's Red Deer Lake Meats slaughtered twice as many pigs and cattle as it normally does. The provincial agriculture department called Red Deer butcher Darrel Barrett to ask him to pick up some of the slack from the two-week closure of Cargill's plant.

"Which is absurd, with Cargill slaughtering 4,500 head a day," Barrett said. "We're lucky if we do 20 a week."

Like other Alberta butchers, Barrett is also busy cutting meat for farms that are suddenly doing booming sales directly to consumers.

One customer, rancher Ben Campbell of Black Diamond, Alberta, pre-sold 10,800 pounds (4,900 kg) of grass-fed beef in two months, one-third more than he sold all of 2019.

Small ranchers like Tim Hoven, who runs an organic beef farm near Eckville, Alberta, have years-long relationships with small butchers that are now seeing massive demand. Neighbours, used to delivering to the big plants, are left with cattle that have nowhere to go.

"They're in a tough spot because they're small and they're at the bottom of the list to get that kill spot at these big plants," said Hoven, whose meat sales have tripled.

"They can't get that spot at the small plants" either.

The "new way to buy food"

At Uniontown, Alabama-based BDA Farm, sales have jumped more than 800 percent in two months, said partner Allen Williams.

"Initially it was panic buying, but it has gone far beyond that now," Williams said. "They're discovering an entirely new way to buy food and they're discovering it's pretty dad-gum convenient."

"We're selling out of absolutely everything, every single week. But we're running into a choke point - we can't get it all processed."

Back in Iowa, Zanker hangs up the phone. It's the tenth farmer to call that day.

Next, a woman calls asking if Stanhope Locker and Market has meat for sale. They do. The woman lives two hours away. Others have driven further, Zanker said.

"I had one person call, telling me they had gotten a hog for free," Zanker said. "I told them, 'There's nowhere to take them. Congratulations, you now have a pet.'"

### ***Número de animales retenidos en feedlots sería inferior al previsto***

May 28, 2020 The number of market-ready cattle backlogged in feedyards may not be as large as previous estimates. While any tally of cattle currently waiting on available shackle space is – at best – an estimate, an analysis of 2020 Cattle on Feed and slaughter data from USDA suggests industry estimates of 1 million cattle backlogged may be overstated by as much as 50%.

"After a closer analysis of the flow of cattle through feedlots from Cattle on Feed reports, steer and heifer slaughter, and packing plant capacity utilization, I believe the 1 million head backlog figure is too large," says Sterling Marketing president John Nalivka, Vale, Ore. "Instead, the backlog in feedlots from the April slowdown is probably closer to 400,000 to 550,000 head."

In developing his estimate, Nalivka notes there were 11.8 million cattle on feed March 1, which was about unchanged from 2019. Feedlots placed 23% fewer cattle during March, resulting in a total supply of 3% fewer in March than in 2019 (about 425,000 head).

During March, steer and heifer slaughter increased 13% from the prior year with packers using an estimated 92% of fed cattle slaughter capacity, according to Sterling Marketing. That capacity use compares to 85% during March of 2019, a significant difference, Nalivka says.

"The drawdown in on feed inventories increased sharply during March as the result of aggressive packer buying and sharply reduced placements as feeder prices fell and sellers were unwilling to accept sharply lower bids for cattle and instead took cattle to grass," Nalivka said. "This left the April 1 cattle on feed inventory down 4% from the March 1 inventory, and down 6% from the prior year as COVID-19 became a serious issue for packers. In 2019, the April 1 on feed inventory increased 1% from the March 1 inventory."

Nalivka noted the April placements of cattle on feed continued to fall as the market situation worsened, reported by USDA at 22% fewer than April of 2019. Negotiated fed cattle prices fell 28% from the beginning of January while feeder cattle prices dropped 23% during the same period.



“The on feed supply (beginning inventory + placements) during April of this year was down 8% from 2019, or just over 1,000,000 head, and the lowest since 2016,” Nalivka said. “The reported number of fed cattle marketed from feedlots during April was down 24%, or 469,000 head from a year earlier, and 550,000 head fewer than March. Steer and heifer slaughter during April fell 25% from a year ago or 558,000 head.” Nalivka emphasizes – the on-feed supply during April was down 1 million from prior year.

“Packers used on average for the month of April, 64% of total steer and heifer capacity with the low point at 56% at the end of the month. A year earlier, 89% of capacity was used,” Nalivka said.

He says it is important to follow the flow of cattle during both March and April to assess the “potential backlog” of finished cattle needing to be marketed.

“Even though steer and heifer slaughter during April fell sharply, the industry came into the month with sharply lower on-feed inventories and also placed significantly fewer cattle on feed, thus leaving the dynamic on feed supply during April down 8%. On May 1, the cattle on feed inventory was down 5% from a year ago. If placements are down 7% during the month, the on-feed supply will be up 400,000 during the month. I am also projecting a 28% drop in steer and heifer slaughter during May.”

Nalivka’s analysis takes into account 1) feedlot flow of cattle; 2) the rate of packer capacity utilization and thus steer and heifer slaughter; and 3) the flow of both during March and April.

The shortfall in cattle marketed out of feedlots and monthly steer and heifer slaughter consistently falls in the range of 400,000 to 550,000 head.

“I believe this is the backlog carryover of cattle on feed from the early April – early May plant capacity situation,” Nalivka says. “As packers continue to increase plant capacity into June and beyond, this estimated backlog will be more easily reduced. On feed inventories will be below a year-earlier through July. Then during late July and into August, the feeder cattle that went to grass will begin coming into feedlots and this will continue into October, bringing on feed inventories back up 2% - 3% above a year ago into late summer and fall.”

While Nalivka says he has sharply reduced his estimate of the number of market-ready cattle backlogged in feedlots, he has not changed his projections of the impact of the backlog.

“We will continue to see record heavy carcasses as cattle are held on feed,” he said. “And we will see sharply higher cost of gain and higher break-evens with losses ranging above \$300 per head for cattle if unhedged and sold at reported negotiated prices during April.”

### ***Sindicato estimó en 3000 los casos registrados en plantas frigoríficas***

29 May 2020 A union representing US meat packing workers has reported that more than 3,000 workers have contracted the new coronavirus.

Reuters reports that the United Food and Commercial Workers International Union, the largest meat packing union in the US, has reported more than 3,000 cases of COVID-19. At least 44 workers have died from the disease, reflecting an increasing toll on plant employees.

The union has called on the Trump administration and meat companies like JBS SA and Tyson Foods Inc to take additional action to protect workers from the disease. The union reported 35 workers deaths in meat packing as of 12 May.

### ***Departamento de Justicia y USDA monitorean el Mercado de carnes por escasez y alza de precios***

MAY 26, 2020 The United States Department of Agriculture and the Department of Justice are both investigating the source of rising beef prices and shortages amid the COVID-19 pandemic, Politico reported.

The DOJ is reportedly looking into the so-called "Big Four" of meat packing plants—Tyson Foods, JBS, National Beef, and Cargill—none of whom responded to Politico's request for comment. Agriculture Secretary Sonny Perdue confirmed to the outlet that the USDA was investigating beef prices.

The piece detailed the complications that the industry as a whole is facing, as farmers say they have lowered prices and have an influx of cattle ready for slaughter, meat processing plants are closing or open with reduced workers, and grocery stores say they are preparing for, or have already seen the effects of, a meat shortage and increased prices.

“It’s evidence that something isn’t right in the industry,” said Senator Chuck Grassley, (R-IA) who, along with other lawmakers, has called for federal investigations into "market manipulation and unfair practices within the cattle industry.”

The piece detailed how the beef industry is a delicate ecosystem. Cattle need to be sold within two weeks of reaching their optimal weight and if they aren't, farmers may soon be forced to kill them or sell them for a lower price. But if there aren't that many plants around (many states only have one or two plants at their disposal) and they are running at lower capacities because of the pandemic, they won't be able to process as much, and consumers will see higher prices and shortages.

In the piece, experts also discuss how mergers have condensed the meat market since an antitrust settlement 100 years ago, when the industry was largely controlled by five different plants. Today it's



dominated by those aforementioned four, something experts in the Politico article pointed out could also be discussed in any investigation.

"This is 100 percent a symptom of consolidation," said Christopher Leonard, author of *The Meat Racket*, told Bloomberg in a previous report. "We don't have a crisis of supply right now. We have a crisis in processing. And the virus is exposing the profound fragility that comes with this kind of consolidation."

### **USDA estimó que las importaciones representarán el 11 por ciento del consumo total**

NCBA May 26, Discussions about beef imports were put in the spotlight this week. The National Cattlemen's Beef Association (NCBA) agrees the industry should have a conversation about beef imports and where we're sourcing beef, but it's important that the conversation be rooted in facts, not back of the envelope estimates using data from nearly a decade prior.

In response to R-CALF's May 22, press release on trade levels, NCBA would suggest that it's important that any reasonable discussion on trade include the most recent information available. Global beef trade is dynamic and trade levels rise and fall based on factors such as changes in currency valuation, areas of drought or moisture, global consumer demand, and many other variables, so utilizing old trade data is just the latest demonstration of R-CALF's willingness to cherry-pick the facts to drive their agendas.

Current USDA data available here, projects current U.S. beef import numbers for 2020 at 1.334 million metric tons, while domestic consumption is estimated at 12.389 million metric tons, amounting to imports totaling 11 percent of U.S. beef consumption during 2020. In 2019, the most current full-year data available shows imports of 1.387 million metric tons, versus consumption of 12.407 million metric tons, with U.S. imports again totaling 11 percent of total consumption.

### **Existencias de Ganado en feed lots se redujeron un 5 por ciento**

USDA May 22, 2020 02:05 PM

Cattle and calves on feed for the slaughter market in the United States for feedlots with capacity of 1,000 or more head totaled 11.2 million head on May 1, 2020. The inventory was 5 percent below May 1, 2019.

Placements in feedlots during April totaled 1.43 million head, 22 percent below 2019. Placements were the second lowest for April since the series began in 1996. Net placements were 1.36 million head. During April, placements of cattle and calves weighing less than 600 pounds were 295,000 head, 600-699 pounds were 180,000 head, 700-799 pounds were 315,000 head, 800-899 pounds were 392,000 head, 900-999 pounds were 180,000 head, and 1,000 pounds and greater were 70,000 head.

Marketings of fed cattle during April totaled 1.46 million head, 24 percent below 2019. April marketings are the lowest since the series began in 1996.

Other disappearance totaled 70,000 head during April, 17 percent above 2019.

### **Estiman que las ventas de carne picada ascenderán \$1000 millones**

May 27, 2020 Through May 17, U.S. ground beef sales increased more than \$1 billion compared to the same period last year. That's just some of COVID-19's impact on retail meat and poultry markets, says Anne-Marie Roerink, president of 210 Analytics.

"Year-to-date through May 17, meat department dollar sales were up 24.8%, boasting double-digit growth for ten weeks running," Roerink says. "This reflects an additional \$5.5 billion sold versus the same time period in 2019. Year-to-date volume sales through May 17 were up 18.0% over the same period in 2019, reflecting an additional 7.6 billion pounds of meat and poultry sold versus the same time period in 2019."

Roerink says about 60% of meat's multi-billion dollar year-over-year gain is due to increase spend per customer. According to IRI, a data analytics and research company, Millennial households were behind the biggest increases in meat spending since the onset of coronavirus, much like they drove growth (not spending) pre-pandemic. Over 2019, Millennials represented \$23 out of every \$100 spent on meat/poultry, far behind Boomers (\$35) and Gen X (\$32),

"However, Millennial spending pre-pandemic was rapidly gearing up, at 2.4 times the average, while Boomer spending was slowing down," Roerink said. "These patterns held up during the pandemic, as Millennials have been among the hardest-hit generations with about 40% of Millennials having lost their jobs as a result of COVID-19 or had their work hours reduced. Shoppers under the age of 35, with and without children, lower and higher income, increased meat/poultry spending by more than 50%."

Consumer comments on the Retail Feedback Group Constant Customer Feedback system point to purchase restrictions and limited inventory continuing to impact purchases during the week of May 17. "The meat department had very little and of course now there are limits on the amount you can purchase. I'll just have to come back later in the week." Another wrote, "The items I could not get were just due to the meat shortages and of no fault to the store." IRI's measure reflecting the average number of items sold per store remained significantly down for meat, at 296.3. This is the first time the average fell below 300 and reflects 47 fewer items than the same week last year.



IRI's insights on the average retail price per volume also show significant upward pressure on retail prices for the week ending May 17 versus the same week in 2019 for beef, particularly ground beef, and pork. The average price per volume for turkey, lamb and exotic meats have mostly stabilized in the one-week view compared to mild inflation in the four-week view.

"The overall 26.3% meat department gain was fueled by double-digit gains for all proteins (the week of May 17)," Roerink said. "The two smaller proteins, turkey (+39.5%) and lamb (+40.0%), had the highest percentage gains, but beef easily had the highest absolute dollar gains (+\$131 million), followed by chicken (+\$39 million) and pork (+\$24 million)."

Grinds

Ground proteins were frequently among those items with purchase limitations in mid-March and again in late April and May. Popular due to their versatility and ease of preparation, grinds achieved big gains over the week ending May 17 versus the comparable week in 2019:

Ground beef increased 31.2%

Ground turkey, +33.8%

Ground chicken, +27.1%

Ground pork, +11.3%

"Ground beef has been a pandemic powerhouse," Roerink says. "For instance, looking at four weeks ending April 19, which encompass the two panic buying weeks, household penetration for ground beef rose 7 points to 49% of U.S. households, according to IRI National Consumer Panel data. The average household spent \$5 more on ground beef than in the prior year, an increase of 30%. And the buying frequency increased with 23% of buyers purchasing ground beef two or more times during that four week period, up 6% from 2019."

## **NUEVA ZELANDA con récord de exportación en marzo pese al coronavirus**

25/05/2020 - Autoridades respaldan el comercio abierto.

La Beef & Lamb New Zealand actualizó cómo el Covid-19 está afectando el sector de la carne roja y el comercio internacional de Nueva Zelanda, según publicó el portal Eurocarne.

A pesar de la interrupción del mercado como resultado la citada enfermedad, las exportaciones del sector han continuado, superando los 2 millones de dólares neozelandeses en marzo, un récord para las exportaciones mensuales.

Este sólido resultado ha sido respaldado por fuertes redes comerciales y relaciones con los clientes, lo que permite que los productos se trasladen a otros mercados cuando se interrumpen las cadenas de suministro. A su vez, han ayudado a compensar el aumento de los costos que los ganaderos y las empresas han enfrentado a nivel nacional como resultado de las restricciones causadas por el coronavirus.

La institución neocelandesa trabaja con socios internacionales para fortalecer el entorno comercial global. B + LNZ es parte de la International Beef Alliance (IBA) compuesta por las organizaciones de productores de ganado de Australia, Brasil, Canadá, México, Nueva Zelanda, Paraguay y los Estados Unidos, que representan el 64% de las exportaciones mundiales de carne.

Se unieron sinergias con la Asociación de la Industria de la Carne (MIA) y con el gobierno de Nueva Zelanda para garantizar "que compartamos la información, los conocimientos y los desarrollos más recientes para que ambos podamos tomar una decisión informada". El MIA trabajó rápidamente con el gobierno para comprender e implementar las pautas que garantizaban que el procesamiento pudiera continuar bajo el bloqueo de Nivel 4 y Nivel 3.

El sector recibió con beneplácito el liderazgo del gobierno en la lucha contra el proteccionismo comercial y la búsqueda de compromisos de los socios comerciales para garantizar que el comercio permanezca abierto.

El Ministro de Comercio, David Parker, emitió una serie de declaraciones conjuntas que respaldan el comercio abierto y predecible y también escribió un artículo con sus homólogos de Australia, Singapur y el Reino Unido sobre la importancia del comercio en este momento. El gobierno también se movió rápidamente para garantizar que los servicios de carga aérea permanecieran abiertos y disponibles para los exportadores neozelandeses.

## **EMPRESARIAS**

### **Seara acusada de no haber tomado precauciones por COVID 19**

Fonte: Valor Econômico. This post was published on 27 de maio de 2020

O Ministério Público do Trabalho em Santa Catarina informou que ajuizou Ação Civil Pública (ACP) contra a Seara Alimentos (controlada pela JBS) no município de Ipumirim, no oeste catarinense, "com o objetivo de garantir a adequação das condições de trabalho da empresa, que vive um relevante surto da covid-19 entre seus trabalhadores".



A planta já está interditada desde 18 de maio, após inspeção da Subsecretaria de Inspeção do Trabalho, vinculada ao Ministério da Economia, que identificou irregularidades relacionadas sobretudo à ausência de distanciamento seguro entre os trabalhadores na linha de produção e à carência de medidas efetivas de controle epidemiológico.

Entre as obrigações que o MPT pretende impor na planta da empresa estão “o adequado distanciamento entre os empregados nos postos de trabalho, a adoção de medidas eficazes de vigilância epidemiológica, com a testagem de trabalhadores para covid-19, e o afastamento imediato de pessoas pertencentes ao grupo de risco e de trabalhadores confirmados ou suspeitos de contaminação”.

De acordo com o MPT, no dia da interdição havia na unidade da Seara em Ipumirim 86 trabalhadores confirmados com a covid-19, aproximadamente 5% dos cerca de 1,5 mil empregados do local. “Os casos registrados na planta industrial representavam aproximadamente 14% dos contaminados em toda a Macrorregião Oeste e Serra, e quase 2% de todos os casos do Estado de Santa Catarina”, disse o MPT.

Ainda conforme as informações divulgadas pelo órgão, “os auditores-fiscais identificaram aglomerações de trabalhadores nos mais diversos setores de produção, especialmente na sala de corte e setor de evisceração/SIF, onde o distanciamento entre os postos de trabalho, por vezes, era inferior a 50 cm”.

A Procuradoria do Trabalho no município de Joaçaba apura a situação no frigorífico de Ipumirim. De acordo com o Procurador do Trabalho Anderson Luiz Corrêa da Silva, mesmo com a interdição da unidade foi necessário o ajuizamento da ACP, “pois, ao contrário de outras grandes indústrias do mesmo setor, o Grupo JBS não firmou acordo com o MPT para a adoção de medidas de controle e contenção da pandemia, deixando de observar importantes medidas previstas” para a prevenção.

“O MPT requereu por meio da ACP que a empresa, além de ser obrigada a observar diversas obrigações para garantir a segurança dos trabalhadores, pagasse indenização por danos morais coletivos em virtude dos problemas encontrados, já que a conduta irregular resultou no adoecimento de várias dezenas de pessoas”.

Caso a empresa seja condenada, o valor da indenização será destinado a ações de combate à pandemia e de fortalecimento do sistema de saúde no meio-oeste catarinense.

Procurada, a JBS informou que ainda não foi notificada sobre a ação.

Segue abaixo íntegra de nota enviada pela empresa:

“A JBS não foi notificada sobre o assunto e reitera que tem como objetivo prioritário a saúde de seus colaboradores. A empresa adota um rígido protocolo de prevenção contra a Covid-19 em suas unidades conforme as orientações dos órgãos de saúde e do Hospital Albert Einstein, além de especialistas médicos contratados pela Companhia para apoiar na implantação rigorosa de medidas para a proteção de seus colaboradores.”

### **JBS Brasil – ordenan el cierre de su planta en el estado de Rondônia**

28 May 2020

A labour court in Brazil's Rondônia state ordered a JBS beef plant to close until all employees were tested for COVID-19.

In a statement on the court ruling sent to Reuters on 27 May, Labour Judge Wadler Ferreira said JBS's unit in the town of São Miguel do Guaporé "is the main source of contamination and spread of the virus."

The ruling says that more than 60 percent of the cases already confirmed in the municipality were linked to the company. JBS did not comment on this specific court decision.

In a separate statement sent to Reuters, JBS said that protecting its employees "is a priority." It goes on to say that since the beginning of the coronavirus pandemic, JBS has adopted a strict prevention protocol at all its meat production facilities.

### **URUGUAY Bamidal tomó posesión de planta de ovinos Frigorífico Caltés**

28/05/2020 Empresarios uruguayos buscan tenerla operativa pronto.

La empresa uruguaya Bamidal S.A. tomó posesión de la planta frigorífica del ex frigorífico caltés, en Paso de los Toros, luego de un año y medio de haberla comprado, según confirmó a El País Gustavo Basso, director de la firma compradora.

Bamidal es la titular de la marca Flavor Premium Lamb, arraigada en Brasil y en otros destinos como Medio Oriente, pues es carne ovina de alta calidad y aportada por corderos con alto grado de terminación.

“El frigorífico tiene más de un año sin actividad, por lo cual, hay que hacer todo un análisis técnico y determinar sus posibilidades de funcionamiento en sus distintas secciones, sea frío, faena, desosado, envasado y otras”, explicó Basso.

Ese proceso comenzará a partir de la próxima semana. “Tenemos que ser lo más ágiles posible para poder restablecer la actividad en el menor tiempo”, confirmó el empresario, aclarando que no se maneja una fecha límite para que el Caltés comience a faenar de nuevo.



“A partir del estudio que haga el equipo técnico se verá qué es lo más urgente para poner en marcha el frigorífico. No sabemos el tiempo que puede llevar esa puesta a punto de todas las instalaciones, pero esperemos que sea lo más corto que se pueda”, aclaró el director de Bamidal S.A.

El empresario recibió la planta en momentos en que la oferta de ovinos es la menor a nivel anual, por lo que le permitirá a los nuevos dueños trabajar tranquilos para poner a punto el frigorífico y catapultarlo a conquistar nuevas habilitaciones de mercados.

Basso aclaró que si bien ya se cuenta con las habilitaciones para exportar carne ovina con hueso a Brasil, Medio Oriente y terceros países, la meta “es el mundo entero” y explicó que se trabajará para conseguir cuanto antes el permiso para exportar a China (con hueso), los mercados del Nafta (Canadá, México y Estados Unidos) y la Unión Europea (cortes desosados). “Son mercados importantes para Uruguay y se buscará tenerlos habilitados ni bien se pueda hacerlo”, agregó el director de Bamidal S.A..

La meta de Basso es que el proyecto del Caltés se transforme en “la única planta exclusivamente de ovinos que habrá en Uruguay y estará enfocada a seguir desarrollando lo que ha sido en forma muy efectiva la marca Flavor que ya está impuesta”.

Los nuevos dueños del frigorífico apuntan a “darle un impulso adicional a toda la producción ovina con una planta que será exclusivamente para faena de ovinos y que tratará de operar todo el año en su máximo potencial”, según adelantó Basso.

La idea es tenerla operativa todo el año y achicar la estacionalidad que hoy tiene la industria frigorífica en la faena de ovinos, en aquellos frigoríficos que también industrializan bovinos, que son los que tienen la prioridad por contar con una oferta más fluida todo el año.

La reactivación del Caltés es un hito importante para la producción ovina, incluso porque está ubicada en un lugar estratégico, con cercanías a la zona de basalto que es donde está la mayor cantidad de ovinos en el Uruguay. El rubro busca crecer y contar con más frigoríficos que aporten una faena sostenida es un pilar fundamental.